

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

Epistemologia da Psicanálise

Maria Cristina de Távora Sparano

UFES
Vitória – 2017

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Educação

José Mendonça Bezerra Filho

**Diretoria de Educação a Distância
DED/CAPE/MEC**

Abílio Baeta Neves

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Maria José Campos Rodrigues

Coordenador Adjunto UAB da UFES

Júlio Francelino Ferreira Filho

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenadora do Curso de Especialização
em Filosofia e Psicanálise – EAD/UFES**

Claudia Murta

Revisor de Linguagem

Regina Egito

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória – ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:

Hugo Cristo

Leticia Pedruzzi Fonseca

Equipe:

Isabella Avancini

Fabiana Firme

Luiza Avelar

Diagramação

Coordenação:

Heliana Pacheco

Leticia Pedruzzi Fonseca

Thaís André Imbroisi

Equipe:

Marcela Bertolo

Samira Bolonha Gomes

Thaís André Imbroisi

Ilustração

Leonardo Amaral

Ricardo Capucho

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S736e

Sparano, Maria Cristina de Távora.

Epistemologia da psicanálise [recurso eletrônico] / Maria Cristina de Távora Sparano. - Dados eletrônicos. - Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2017.
44 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-63765-96-3

Disponível no ambiente virtual de aprendizagem – Plataforma Moodle.

1. Psicanálise. I. Título.

CDU: 159.964.2



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam ao autor o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.



Sumário

5 Apresentação

6 Introdução

7 A Epistemologia da Psicanálise

9 A Psicanálise Freudiana e a Cultura

9 A Evolução do Pai

18 O Pai

23 A Psicanálise Lakaniana

23 Um pouco de lógica...

30 RSI

30 A episteme psicanalítica

32 A teoria dos nós

32 O sinthoma borromeano

34 A Transmissão e a Formação em Psicanálise

34 A Clínica, a Formação e o Cartel

35 Clínica do Texto

36 Algumas Notas Sobre a Formação em Psicanálise

38 Cartel

44 Sobre o autor



Apresentação

Este módulo é composto de duas teorias — a teoria freudiana e a teoria lacaniana, sendo dividido em cinco unidades. Na *Unidade I*, temos a apresentação da disciplina e a particularidade da *Epistemologia da Psicanálise*. Na *Unidade II — A Psicanálise freudiana e a cultura*, procuramos mostrar através da leitura de um dos textos fundamentais de Freud, “Totem e Tabu”, como conceitos de vida e morte, culpa e gozo estão presentes na cultura através de práticas como a interdição do incesto e a religião totêmica. O articulador desses conceitos é o Pai, o chefe da horda, ou então, o grande homem para Freud — Moisés.

Na *Unidade III — A Psicanálise lacaniana*, apresentamos Lacan como leitor de Freud, mas sob uma ótica de seu tempo, situando na linguagem o sujeito do inconsciente. Alguns conceitos da lógica dos conjuntos e sinais da lógica modal são fundamentais para entendermos como Lacan situa o sujeito em relação a conceitos psicanalíticos através da formalização empregada em seus Escritos e Seminários.

Na *Unidade IV — RSI*, os registros Real, Simbólico e Imaginário, apresentados pelo Nó Borromeano, permitem examinar como essas instâncias se relacionam de forma não linear. Podemos verificar isso pela função lógica dos matemas, ao situar o Pai, causa, origem e articulá-lo com os demais conceitos que gravitam em torno dele. O texto “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise” é o apoio escrito para o que é da fala do sujeito.

Na *Unidade V — Transmissão*, todo o trabalho com a epistemologia se encontra na clínica e na formação. Numa dimensão acadêmica, selecionamos três possibilidades de transmissão e formação — a clínica do texto, o saber implicado na formação, depoimentos de cartel. A avaliação será realizada por meio de debates relacionados aos temas propostos.

Introdução

Apresentar o tema Epistemologia da Psicanálise não é uma tarefa fácil. Diferentemente da Filosofia, em que a Epistemologia trata de conceitos filosóficos e dos fundamentos do conhecimento, assim como de crenças relativas ao modo de conhecer os objetos, a Epistemologia da Psicanálise não analisa conceitos e sim os sujeitos e suas crenças, tendo como motor o desejo. Seu objetivo não é descrever esses sujeitos, mas o modo como estes formaram suas crenças e como elas se justificam, segundo sua própria descrição.

A psicanálise investiga o modo e o porquê do sujeito sentir-se infeliz, angustiado, inibido ou paralisado diante dos Ideais do Eu. O material analisado são os relatos do sujeito. A teoria ensina a tematizar narrativa e enredo na perspectiva das significações individuais.

A teoria freudiana privilegia a noção de causa e em consequência desta, temos um efeito. A construção metafórica em torno dessa causa — o Pai — e de suas relações resulta num significado para o sujeito. A novidade na psicanálise é que o processo do conhecimento é causal e todo efeito não é apenas consequência de um puro motivo ou razão consciente — esta causa é inconsciente. Como um arqueólogo, Freud procede à análise através do processo transferencial (relação analista-analisante), munido da teoria psicanalítica, trazendo do passado inconsciente, infantil e sexual do paciente a causa dos seus sintomas. O meio — mídia — é a linguagem e o trabalho analítico.

Num segundo momento, que podemos chamar de laciano, a pedra de toque é a arquitetônica da linguagem, que, em suas relações, determinará o sentido da análise. Em termos epistemológicos, Lacan professa e filia-se ao neo-estruturalismo¹ e se vale desse paradigma para situar o inconsciente freudiano na estrutura da linguagem. Para ele, não existe no inconsciente uma história do sujeito, isso é parte de um Eu imaginário. O que existe é um Sujeito na estrutura da linguagem, que se convencionou chamar sujeito barrado, cujo algoritmo é \$. A verdade do sujeito não está em suas narrativas, que são meios auxiliares ao processo de análise. O importante para Lacan é mostrar os traços de estrutura que constituem o sujeito e o singularizam.

No trabalho psicanalítico deixamos os significados de lado e operamos com esse sujeito na cadeia significante, dando sentido à determinação estrutural do desejo. Todo trabalho analítico será de pontuar os significantes que possibilitarão desvendar a verdade do sujeito. O sentido entendido como lugar comum será dado pelos sintomas racionalizados pela história psicológica do sujeito. O que se busca numa análise, apoiado na teoria dos grafos, dos nós e dos matemas, é dar relevo à verdade — do sujeito do desejo.



A Epistemologia da Psicanálise

1. Apresentação da disciplina

Ementa

Os fundamentos teóricos da Psicanálise. Freud: o inconsciente; as formações do inconsciente; a metapsicologia; a função do Pai. Lacan: a herança freudiana e os conceitos lacanianos — a linguagem; o sujeito e o objeto “a”; o Nome-do-Pai; a topologia: Real, Simbólico e Imaginário — o nó borromeano; o Sinthome.

A epistemologia da Psicanálise é uma disciplina teórica que visa analisar o fundamento da Psicanálise e seus conceitos. Esse fundamento é o inconsciente e os conceitos que gravitam em torno dele. Sua teoria se materializa na experiência que, para a Psicanálise, é sempre clínica. Sua teoria encontra-se, pois, ligada a uma prática; assim, seus conceitos só encontram sentido se puderem ser traduzidos

dessa forma. A isso chamamos transmissão, que se faz de forma particular, garantida pela lógica que une esses conceitos.

O método psicanalítico é o da associação livre, que permite ao inconsciente transparecer na linguagem pelas formações do inconsciente. Os modos de transmissão, para Freud, são os mitos cujos fundamentos são assegurados pela metapsicologia. Em Lacan, temos a topologia com os grafos e os matemas, as dimensões do Real, Simbólico e Imaginário centrados na linguagem.

Objetivos

- » Distinguir os fundamentos teóricos da psicanálise dos demais saberes, como a filosofia e a ciência;

- » Explicar o inconsciente como fundamento da psicanálise;
- » Avaliar a herança freudiana para a psicanálise e sua ressonância na psicanálise lacaniana;
- » Definir noções da psicanálise, seu vocabulário, sua terminologia, seus operadores;
- » Compreender a importância da *episteme* psicanalítica para a transmissão e formação em psicanálise.

Metodologia

Organize seu cronograma de estudo dividindo as unidades propostas em três semanas de estudo tendo como base as seis unidades.

Trabalhe com o poder ao redor de você, e não contra ele. Esteja aberto ao conhecimento ao redor de você e trabalhe a favor dele... Isso faz o trabalho tornar-se mais fácil e você ter interesse em realizá-lo. Quando você precisar de orientação, vá buscá-la. Você pode procurar a ajuda de professores, coordenadores, tutores, monitores.

Seja seu próprio relações públicas. Mostre aos outros que o que você aprende vale a pena, que não é um fardo, mas uma forma agradável de estudar, tão agradável e prazerosa como qualquer outra atividade. Não é algo instantâneo, mas se você se aplicar, conseguirá quase ir até a lua.

Atividades

1) Leitura da introdução à Epistemologia da Psicanálise e organização da agenda de trabalhos da disciplina “um a um”, i.é, cada aluno organiza sua agenda, seu tempo, de acordo com a proposta do curso e é responsável por ela.



A Psicanálise Freudiana e a Cultura

1. A Evolução do Pai

Introdução

“O Pai

Nenhum pai é perfeito, certo.

Quem sabe um, ao menos. Unzinho.

O velho Herrmann. Sem esse pai dos pais,

o nosso Franz teria sido quem foi?”²

Este trabalho parte de uma premissa: a evolução do pai nada mais é, do ponto de vista psicanalítico, do que um **acordo com a civilização**. Está orientado, ademais, em três direções:

2. A primeira é histórica e corresponde ao interesse científico da psicanálise, bem no espírito do final do séc. XIX, com a busca da

porta de entrada da ciência pela psicanálise. Este interesse está expresso nos textos de Freud daquele período, mas também por Lacan, mais contemporaneamente, em relação às ciências humanas, no espírito da epistemologia francesa.

3. A segunda direção pode ser entendida como a construção de uma metáfora e diz respeito ao mito freudiano contemporâneo contido no texto *Totem e Tabu* (1913) — o mito da horda primeva, tomado a Darwin, que parte de observações antropológicas relatadas por Atkinson e localizadas na Austrália. A posição freudiana em relação ao evolucionismo aí contido é atópica em relação ao relato etnológico, oferecendo uma versão psicanalítica da noção de pai da horda e da conseqüente constituição social.
4. A terceira direção diz respeito ao conteúdo simbólico da psicanálise em relação ao pai, que vai além do mitológico e pretende mostrar como esta noção é seu ponto central; e também como a

psicanálise lacaniana, que, segundo muitos é uma releitura dos textos freudianos, é original e contemporânea, apresentando a evolução dessa noção.

Assim, “evolução” se delinea a partir dos textos freudianos focados sobre o interesse científico da psicanálise mais o contexto mitológico que Freud empresta à noção de pai, indo além, num contexto em que a linguagem se instaura com um operador que Lacan chamou de *Nome-do-Pai*.

• SIGMUND FREUD

• Nascido no ano de 1856 em Freiberg, na Morávia. Estudou medicina na Universidade de Viena e desde cedo se especializou em neurologia. Sigmund Freud é considerado o “Pai da Psicanálise”. A psicanálise é um método de tratamento para perturbações ou distúrbios nervosos ou psíquicos (provenientes da psique) bastante diferente da hipnose ou do método catártico. O método psicanalítico de Sigmund Freud consistia em estabelecer relações entre tudo aquilo que o paciente manifestava, desde conversas, comentários, até os mais diversos sinais revelados pelo inconsciente. Freud desenvolveu técnicas como a associação livre, interpretação dos sonhos, além de pregar a existência de um inconsciente.

1.1 FREUD

Na mesma época da publicação de *Totem e Tabu* (1913), cujo relato revela um interesse de Freud pela etnologia e pela antropologia social, surge o texto denominado *O Interesse Científico da Psicanálise* (1913). O momento se caracterizava por certo cosmopolitismo das teses psicanalíticas e das relações destas às demais ciências. No entanto, Freud sempre foi literal em relação à Psicanálise e, sem contrariar sua formação médica, enunciava já em 1924: “o destino da psicanálise é a anatomia”, afirmando a primazia genital e a estipulação de um objeto adequado a cada sexo, influenciado talvez, segundo alguns biógrafos, por sua formação vitoriana.

A jovem ciência passou a designar, além da investigação dos processos inconscientes, um modo de tratamento dos conflitos neuróticos: a “psicanálise aplicada” constituída por uma pesquisa clínica e também terapêutica, uma ciência dos processos inconscientes propriamente ditos e um meio de pesquisa em que o saber inconsciente está implicado nos diversos campos do saber.

Porém podemos pensar que, se a psicanálise nasceu do encontro e da observação de um médico e um homem de ciência (Freud) com as histéricas e a histeria, é o trauma, que está na base desse encontro, o móvel da pesquisa analítica e o resultado de um conflito de ordem sexual. O choque e os desafios que esse encontro lança ao mundo, no momento histórico em que se inscreve, estão relacionados às teorias da época (Darwin, Malthus, Spencer). Tais teorias postulam que as espécies de seres vivos, desde os mais ínfimos até os animais de grande porte, passam por processos de transformação e

adaptação. Nas relações humanas, não é diferente e isso não passa despercebido a Freud.

Freud nos adverte que “uma vez o trabalho psicanalítico realizado, devemos encontrar sua ligação com a biologia e podemos nos dar por satisfeitos se ela estiver assegurada...”³. Essa referência diz respeito à noção de *Trieb*, instinto no sentido biológico:

*“apesar de todo nosso esforço para não deixar os termos e pontos de vista biológicos dominarem o trabalho psicanalítico, não podemos evitar seu uso quanto à descrição dos fenômenos estudados. Não podemos nos esquivar a tratar o instinto como conceito limite entre uma concepção psicológica e biológica...”*⁴

A sexualidade envolvida mostra que a psicanálise liga-se à vida e às funções orgânicas, rejeitada naquele momento pelo desconhecimento do recalque e pelo desdém ao pulsional. Ao inscrever a psicanálise no plano científico, com todas as dificuldades decorrentes de suas particularidades, Freud dá especial atenção à biologia e à pesquisa sobre o ser vivo, como a fisiologia e a exploração da interdependência das funções vitais a serviço da totalidade orgânica. A contribuição da psicanálise diz respeito à significação de cada uma dessas funções no conjunto do corpo e na determinação do sintoma.

Paralelamente à atenção à fisiologia macroscópica, o interesse de Freud pela fisiologia microscópica, impulsionado por sua formação médica, atesta seu interesse à vida e suas transformações. Freud põe a serviço desse interesse a neurologia, sua especialidade, o que podemos atestar no *Projeto de uma Psicologia para Neurólogos (1895)*, projeto abandonado por não satisfazer sua busca por causas neurológicas

para efeitos no plano psíquico, como a histeria, por exemplo. À etiologia das neuroses interessam as funções orgânicas, pois seu efeito, os sintomas, se dão no corpo, como os sintomas histéricos que Freud interroga. Numa carta de 1914 a Jung, Freud escreve: “ficarei satisfeito se algumas considerações chamarem a atenção sobre a importante mediação que edifica a psicanálise entre a biologia e a medicina...” É ainda a biologia que vai em direção à psicanálise, pois trata a sexualidade como função orgânica. No entanto, Freud faz notar que a sexualidade objeto da psicanálise é a sexualidade infantil, cujas propriedades estão presentes na concepção biológica, mas não se reduzem a ela, salientando ainda que, assim como não podemos psicologizar a biologia, também não devemos biologizar a psicanálise.

A seguir, Freud nos apresenta outro ponto, ligado à história da vida em seu quadro epistemológico. Nele é possível vislumbrar “em perspectiva” um objeto teórico para a psicanálise — seu centro é o “complexo familiar”, por meio do qual se instala tanto a neurose, quanto a psicose. Ao afirmar que os fenômenos psíquicos têm uma história e um desenvolvimento com a função de uma psicologia genética, Freud mostra que esse objeto comporta uma filogênese.

Nesse sentido a psicanálise abre terreno à descoberta dos fenômenos psíquicos reprimidos e inibidos, ao se dedicar ao estudo da sexualidade infantil. Esse tema exposto por Freud nos *Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil (1905)* revela o que até então era ignorado, que a sexualidade não é apenas uma função orgânica ligada ao crescimento da criança, mas seu desenvolvimento diz respeito a Eros e à libido.

Instinto e pulsão não serão para a psicanálise apenas termos, mas o móvel mesmo da construção de uma teoria do objeto analítico. Do

ponto de vista histórico, seu interesse se concentraria no contexto sociopragmático da vida, onde o desenvolvimento individual, sua ontogênese, seria debitária de um desenvolvimento filogenético do desenvolvimento da espécie. Essa perspectiva seria repetida nos termos da psicanálise em relação aos fenômenos psíquicos e ao desenvolvimento psicossocial.

A verificação do enunciado psicanalítico, dos fenômenos psicanalíticos inconscientes, se daria após o funcionamento das leis biogenéticas, assegurando um quadro evolutivo natural, mas também formal, ao objeto da psicanálise.

Dessa forma, teoria evolutiva e psicanálise, história da natureza e do ser vivo e história dos homens se encontrariam num processo que Freud chamou de *Kultur* (cultura), o que explicaria seu interesse pela história da civilização. A lei biogenética forneceria a chave para articular desenvolvimento da história individual (do trauma e da neurose) dos processos psíquicos à história da cultura.

É notável como a Psicanálise encontra-se mais ligada às ciências da vida do que propriamente às ciências humanas, mas não podemos negar que a investigação psicanalítica liga-se à psicologia dos povos, como atestam os textos de Freud a respeito da cultura, assim como sua admiração pelas civilizações antigas. A Psicanálise se atém ao plano individual e não deveria nada ao coletivo se a lei biogenética não lhe desse como princípio norteador a conexão ontológico-genética.

Diferentemente das pesquisas e interpretações antropológicas à época (Frazer, Atkinson, Smith, Boas, Durkheim), das quais se vale, Freud é fiel à genealogia das instituições culturais, considerando a

religião, a moralidade e o direito atividades psíquicas superiores, herdadas de povos tidos como primitivos.

O melhor exemplo que temos disso é o texto de *Totem e Tabu* (1913), seguido pelo *Mal Estar na Cultura* (1924), escrito aproximadamente 15 anos depois, no qual o encontro se dá com a psicologia dos povos. A reflexão de Freud nesse campo é feita de tal modo que o conceito de cultura, tão caro à elite intelectual alemã, se voltasse dos eventos tomados na sua exterioridade para pensá-los a partir de sua interioridade, isto é, como na evolução dos povos primitivos, os elementos psíquicos — magia, fantasia, medo, desejo — regem as relações humanas.

PARA PENSAR...

Como podemos entender o duplo interesse de Freud pelos fenômenos vitais e pela cultura?

A experiência analítica encontrará nas neuroses o mesmo modo de funcionamento que ocorrem nessas formações sociais pré-históricas, ligando o modo de ser narcísico do neurótico ao do primitivo ao atribuir um grande valor às ações psíquicas. A contribuição da psicanálise freudiana pode ser tomada como uma metáfora da evolução cultural, pois não se trata de justificar a teoria psicanalítica das neuroses através do processo de evolução social, mas tomá-la bem ao contrário, isto é, a partir das crenças infantis e da infantilidade do neurótico para compreender o processo da civilização. Trata-se de colocar em destaque o papel das teorias sexuais infantis.

Do ponto de vista epistemológico, as teorias sexuais infantis são resultado de uma pré-ciência que age sem cessar quando a criança busca soluções para sua questão interna, pressionada por uma necessidade psicossocial. Nos *Três Ensaio sobre a Sexualidade Infantil* (1905), Freud chama esse saber instintivo comum a todas as crianças de pulsão escopofílica do saber. Uma dessas teorias é a da não diferenciação entre os sexos, quando as crianças atribuem um pênis à mãe. Nessas teorias está gravemente deturpada a relação do sujeito com a realidade.

Este é também o tema fundamental que encontramos na reconstrução etnográfica das comunidades primitivas: mitos, fantasias, verdadeiros sistemas intelectuais para solução de problemas. Esse saber comum às crianças e aos primitivos constituiria a atividade mental primária, mais tarde recoberta pela razão, vindo a se constituir em sistemas intelectuais, verdades históricas, conclusões lógicas. Assim, seriam estabelecidas não somente a realidade, mas também as representações abstratas da verdade concreta contidas no mito.

A vida neurótica, da mesma forma que a do primitivo e da criança, é marcada pela ambivalência de sentimentos — amor/ódio; dominação/ dependência; passividade/atividade — revelando no humano aquilo que quer, mas não pode. O dinamismo próprio da ambivalência de sentimentos procura soluções, criando, segundo a ordem civilizatória, mito, religião e moralidade. Segundo Freud, toda história da civilização nos mostra os caminhos que os homens tomaram para a realização de seus desejos insatisfeitos, levando em conta a alteridade de condições e as interdições provenientes da realidade.

É importante que se diga que as afirmações de Freud em *Totem e Tabu* (1913) não têm uma carga moral original, mas se tornam morais

a partir de suas observações. O medo e a proibição do incesto, nas sociedades primitivas, por exemplo, visavam afirmar a isogamia. Essas restrições impostas aos membros da sociedade primitiva são originadas no totem, este objeto ou animal investido de poderes, que desperta medo e respeito e sobre o qual se projeta todo o narcisismo próprio ao ambiente anímico.

• O **mito** é um relato de tempos ou fatos que a história não nos permite conhecer de outra forma; trata-se de épocas muito antigas e a autenticidade do relato não é posta em dúvida pela sociedade mais primitiva. Ao contrário, o mito tem valor sagrado: sua função é explicar o mundo.

• A **mitologia** é produto da imaginação: as histórias dos deuses, às vezes leves e outras vezes cruéis, sempre humanas, deram prazer aos nossos pais e povoaram os céus com imagens deliciosas e símbolos cheios de sentidos.
(BARITAUD, B. Cinquent Mots Clés de la Culture Générale Classique. Paris: Ed. Marabout, 1992. p.165).

Ao totem, os primitivos dirigem uma direção afetiva, enquanto o tabu tem o papel de receber a agressividade dirigida à figura dos inimigos, dos chefes e dos mortos, figuras onipotentes, correlatas aos demônios. No primitivo localizamos a ambivalência de sentimentos: amor e ódio. A atuação psíquica desses sentimentos compara-se à da neurose na busca de satisfação pulsional, quando o elemento individual e social se recobrem.

No neurótico, temos a associabilidade da relação sexual onde a sociabilidade fora estabelecida. Porém é a partir das dissidências privadas que se revela a importância do grupo social e sua afirmação

como instituição. A função da última parte do texto de *Totem e Tabu* (1913) é mostrar como passamos, então, a uma configuração social pela identificação recíproca dos membros de uma comunidade: o clã totêmico.

O mito freudiano:

“Um dia, diz Freud, os irmãos expulsos, reuniram-se, mataram e devoraram o pai, pondo fim à horda patriarcal, unidos tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente... O violento pai primevo fora, sem dúvida, temido e invejado por cada um do grupo de irmãos e pelo ato de devorá-lo realizava a identificação com ele, adquirindo uma parte de sua força”.⁵

Para Freud, esse é um ato coletivo instaurando o social como fundamento do real. O psicanalista restabelece a *função paterna*, mas assentada sobre o assassinato do pai da horda, aquele que mantinha as relações de dominação. Nele fora projetada uma relação dual e a-social do pai em relação ao filho, assegurando ao pai o poder absoluto. A passagem à sociabilidade se dá pela reunião dos filhos contra o pai. O poder é transferido à figura do pai morto, estando agora nas mãos dos filhos.

O assassinato do pai e as atitudes religiosas e morais em relação a ele abrem caminho a uma relação abstrata, mediada por uma ausência real, correlata à castração que institui a função cultural do ancestral totêmico. Na figura do pai, realiza-se a fixação da libido, ganha-se um princípio tanto para a psicanálise, quanto para a formação social através desse objeto — o pai. A ligação cultural realizada pela figura paterna substitui a angústia de castração e se apresenta como

garantia contra ela. O homem, no entanto, pagará por esse crime original, pagará sua dívida ancestral com a neurose, através da permanência desses estados instintivos originais atualizados no presente.

O social define-se como limite do real, materializa a interdição imemorial de uma lei pré-histórica — um tabu — oposta ao desejo, mostrando que a repressão à pulsão é ineficaz e encontrará formas de realização. O relato mítico introduz na psicanálise uma lógica na qual o objeto é imaginário, mas, a partir dessa fantasia primordial, produz uma dívida simbólica em relação ao pai, que tem agora força de lei.

Essa noção construída simbolicamente, cujo cerne é a castração, consiste no elemento de articulação essencial a toda evolução da sexualidade. Se o desrespeito à lei do pai provoca a falta, provoca também a pena e o castigo. A dívida assenta-se sobre a falta que mantém o desejo, revelando que este nunca deixou de estar submetido ao pai.

JACQUES LACAN

Nasceu 1901, em **Paris**, França. Formado em **Medicina**, passou da **neurologia** à **psiquiatria**. Teve contato com a **psicanálise** através do **surrealismo** e a partir de **1951**, afirmando que os pós-freudianos haviam se desviado das idéias fundadoras, propõe um retorno a **Freud**. Sua primeira intervenção na psicanálise é para situar o Eu como instância de desconhecimento, de **ilusão**, de **alienação**, sede do **narcisismo**. Para Lacan, o que importa observar em um paciente em análise não é tanto o que ele diz mas como diz. A interpretação lacaniana da psicanálise, com base na forma da linguagem, faz com que seu método terapêutico desconsidere a necessidade de um tempo rígido para as sessões de análise. Suas principais idéias são Matema, Real/Simbólico/Imaginário, Forclusão, Gozo, Estádio do espelho, Objeto a, Autonomia do Significante, Fórmulas da Sexuação, Os quatro discursos, O passe, Tempo Lógico.

1.2 LACAN

Édipo e Onan

Assim como Édipo

não tinha complexo de Édipo

(matou o pai e dormiu com a mãe)

Onan (guru do coito interrompido)

*não era onanista.*⁶

O Complexo de Édipo, na medida em que continuamos a reconhecê-lo como abrangendo por sua significação o campo inteiro de nossa experiência, será declarado em nossa postulação como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade: ou seja, aquilo que o sujeito pode conhecer de sua participação inconsciente no movimento das estruturas complexas da aliança, verificando os efeitos simbólicos, em sua existência particular, do movimento tangencial para o incesto que se manifesta desde o advento de uma comunidade universal.

(LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. pág. 278).

Ao passarmos da teoria freudiana da cultura a uma teoria lacaniana da linguagem e do objeto (lida a partir dos registros real, simbólico e imaginário), vemos que o simbólico determina-se a quem e além das determinações imaginárias e das relações da natureza presentes no mito freudiano. No sentido da “evolução do pai”, podemos dizer que a ordem simbólica está na estrutura do pensamento inconsciente, quando Lacan afirma que “o inconsciente é estruturado

como linguagem”. Lá onde Freud colocava a função do pai, Lacan faz do *Nome-do-Pai* um operador simbólico.

- A função paterna concentra em si relações imaginárias e reais, sempre mais ou menos inadequadas à relação simbólica que a constitui essencialmente.
- (LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. pág. 279.)

O *Nome-do-Pai*, cuja função é de pai simbólico, tem como precursor o pai morto do mito freudiano. No lugar do pai e de sua imagem, Lacan situa um axioma que livra o termo de sua narratividade mitológica, inscrevendo uma metáfora: a “metáfora paterna”. O objetivo de Lacan é articular a função do pai, de forma linguística, com a palavra da mãe, aquela que é responsável pela procriação, dando um nome qualquer ao significante fálico.

A essas relações familiares axiomáticas construídas sobre formas de parentesco, que Lévi-Strauss chamou de parentemas, na psicanálise são matemas e reúnem conceitos-chave na nova leitura lacaniana. Os matemas marcam lugares recobrando e atualizando as funções a eles atribuídas: nome do pai, desejo da mãe, falo, sujeito, cultura, articulados pela linguagem.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado para o \$}} \cdot \text{NP} \frac{\text{Cultura}}{\text{Falo}}$$

No *Seminário IV — Relação de Objeto (1994)*, Lacan mostra como castração, frustração e privação se ligam à trilogia dos objetos simbólico, imaginário e real, pois é através do objeto ou da falta deste que o sujeito busca satisfação. Para Lacan, em *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise (1953)*, a descoberta de Freud “é a do campo das incidências na natureza do homem de suas relações com a ordem simbólica”⁷. Diz Lacan:

“que se trata na estrutura de uma referência essencialmente linguística: um dos termos dessa estrutura é a mãe, esse elemento todo poderoso para o sujeito, mas que, no entanto é... desprovida do poder, poder fálico. Se o falo é para a mãe aquilo que ela não tem, é despossuída, privada mesmo, isso a torna, pelo menos teoricamente, uma mãe desejante (...)”⁸

O outro termo dessa equação é o pai, que nada mais é do que um nome desprovido de qualquer significação, existindo apenas como agente da privação ao gozo da mãe, ou seja, que só tem sentido no desejo da mãe. Para o sujeito, resta um não-saber sobre isso que lhe permite se afastar da pregnância materna pela busca de satisfação.

“É no nome do pai que se deve reconhecer o suporte da função simbólica que desde o limiar dos tempos históricos identifica sua pessoa com a imagem da lei. Essa concepção nos permite estabelecer uma distinção clara... entre os efeitos inconscientes dessa função e as relações narcísicas ou entre os efeitos inconscientes e as relações reais que o sujeito mantém com a imagem e a ação que a pessoa do pai encarna, daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções”⁹

No entanto, Pai é apenas um nome, uma função e um sinal que usamos para situar o sujeito nos espaços que a cultura lhe atribuiu. O nome é uma marca aberta à leitura, impressa sobre qualquer coisa, podendo ser até um sujeito, mas não necessariamente. Lembremos Bertrand Russell, que disse ser possível chamar “John” a um ponto geométrico inscrito numa lousa. O que ele nunca se perguntou é se esse ponto marcado com giz na lousa poderia responder...

A construção de um enunciado sobre a privação real da mãe é simbólica, só tem sentido através da linguagem porque pela linguagem tudo pode se reconstituir.

“A lei primordial é aquela que ao reger a aliança superpõe o reino da cultura ao reino da natureza entregue à lei do acasalamento. A proibição do incesto é apenas o eixo desnudado pela tendência moderna de reduzir a mãe e a irmã a objetos interditados às escolhas do sujeito, aliás continuando a não ser facultada toda e qualquer licença para-além disso. Essa lei faz-se conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem da linguagem”¹⁰

A falta aí presente opera como uma dobra, um espaço por onde é possível pensar e articular pela linguagem a ausência. É através dessa operação que o desejo, para ser satisfeito, precisa ser reconhecido no acordo da fala, no plano simbólico. A ordem simbólica e suas marcas, os símbolos, são pré-existentes à individualidade e organizam o mundo, mas é o sujeito que responde a eles, os símbolos. O simbólico é o que torna possível a ausência, a falta, na medida em que dá “lugar” à presença...

(...) Para que o objeto simbólico, liberto de seu uso, transforme-se na palavra libertada do hic et nunc, a diferença não é a qualidade, sonora, de sua matéria, mas seu ser evanescente, onde o símbolo encontra a permanência do conceito.

Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a se nomear em um momento original (...).¹¹

Quando perguntamos, por exemplo, a quem os sapatos usados de Van Gogh remetem (FIG. 1), teremos como resposta: O problema é agora do sujeito na linguagem, com os efeitos de ruptura e discordância simbólicas, característicos das estruturas complexas da civilização.

Foi decifrando a palavra falada que Freud encontrou a linguagem dos símbolos, ainda viva no sofrimento do homem civilizado, ou seja, os sintomas, significados recalcados na consciência do sujeito.

Se Freud situa no centro de sua doutrina o mito do pai é porque o Pai é um conceito-chave, enquanto para Lacan trata-se apenas de um Nome. Nessa dimensão lingüística, tem a função de nome próprio.

Para Russell (1918), as únicas palavras que se usa como nomes, no sentido lógico, são palavras como “isso ou aquilo”. Pode-se usar

“isso” como um nome, de modo particular para designar aquilo com que se está em contato no momento. O que Russell mostra é que, para os nomes próprios, temos apenas expressões como “isso” ou “aquilo”¹² como membros. Somente por meio dessas expressões seria possível enunciar uma sentença com caráter singular. Ora, os verdadeiros objetos particulares não são aqueles que atravessam no tempo, mas entidades de vida brevíssima, a que não podemos referir senão durante o instante em que estão sendo percebidas.

Lacan vale-se do conhecimento da lógica, da linguagem e da lingüística para, mais uma vez, como Freud, situar a psicanálise no campo da cultura, da ciência de seu tempo, isto é, das ciências humanas.

PARA PESQUISAR...

Lacan é estruturalista, toma à lingüística de F. Saussure a relação significante/significado, isolando o significante. Você conhece a teoria do significante em Lacan? Se tiver curiosidade a respeito do significante e suas relações com o simbólico você pode encontrar essa referência no seminário XX.



FIGURA 1
Os Sapatos,
Van Gogh.

Em 1976, no Seminário XXIII — o Sinthoma — Lacan conclui a questão do pai com o estranho silogismo: “a hipótese do inconsciente assinalada por Freud se sustenta com a suposição do Nome-do-Pai; supor o Nome-do-pai é supor Deus, a psicanálise procura mostrar que precisamos do Nome-do-pai na medida em que possamos deixá-lo de lado”. Esta é a conclusão da psicanálise.

O trabalho da análise busca justamente livrar o sujeito do peso do pai, mas, ao mesmo tempo, mostrando que isso é impossível.

O nome próprio tem a função não de designar um ser singular, mas de recobrir uma falha — traço unário. Freud tinha como funções do Pai a interdição, a idealização e a identificação. Lacan introduz a noção inédita de articulação estrutural situando a metáfora. A influência de Lacan é a antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss e a escola sociológica francesa de Durkheim e Mauss.

A proibição do incesto e seu correlato, o imperativo exorgâmico, fundam uma ordem na qual o sujeito se situa numa relação de trocas, trocas simbólicas. Para Lacan, essa exterioridade do simbólico é a noção mesma de inconsciente. Nesse ponto o simbólico se junta ao Nome-do-Pai pela via da lei primordial freudiana, regando aliança que sobrepõe o reino da cultura ao reino da natureza.

2. O Pai

Segundo Roudisnesco (2009):

Observemos que, embora a psicanálise atribua ao pai um lugar central nessa configuração, não é para reivindicar a postura caricatural de um chefe de horda criminoso e tirânico — como o farão os regimes fascistas e o nazismo —, mas para revalorizar simbolicamente uma paternidade derrotada, sempre em busca de si mesma.

Em Freud, o pai é uma figura fragilizada pelo crescente impulso da emancipação das mulheres e é efetivamente essa tradição que Lacan reivindica. Com sua teoria conhecida como Nome-do-Pai, ele situa, em 1953, a posição simbólica da paternidade no cerne da constelação familiar. Longe de ser um agente do fundamentalismo, vinculado a um patriarcado de fachada, e longe de fazer da função simbólica do pai uma “essência”, Lacan pretende-se um pensador iluminista dissociado de sua cultura católica, mas capaz de integrá-la à sua démarche, como Freud o fez com sua judeidade. Aliás, é por essa razão que ele aproveitará de Lévi-Strauss a noção de função simbólica (do pai, da paternidade), esclarecendo sua intenção de nunca assimilá-la a uma instância nominalista ou essencialista.¹³

Tanto no misticismo judeu, quanto no amor cristão ou na sua função simbólica, o Pai absoluto é Deus, pivô do desejo. Esse Deus, na tradição judaico-cristã, é o deus de Moisés — a chama ardente que fala a Moisés e diz “Eu sou o que sou”. Para Lacan, essa voz não é um sujeito que fala no lugar do Outro, mas onde é “isso”, um Nome, do Pai — simbólico.

Para Freud, o pai primordial é um animal, o chefe da horda transfigurado num mito animal, apresentado em totens nas culturas primitivas. Sua função é d'isso — de que Lacan fala como um Nome Próprio.

Lacan retoma no texto *Os Nomes-do-Pai* (1963) as imagens de Caravaggio sobre o sacrifício bíblico de Isaac para mostrar o que a história conta: Abraão — um pai — estava pronto a sacrificar seu filho àquele que era autoridade para seu povo — o Pai. Mas as imagens também mostram um animal como metáfora primitiva do pai — o animal ancestral. “O carneiro é tradicionalmente reconhecido como o ancestral da raça de SEM, aquele que reúne Abraão diretamente às suas origens (...). Este carneiro é o ancestral, o Deus de sua raça”¹⁴. Vemos aí o elemento primitivo na base do “empuxo” à origem, à causa.



FIGURA 2
O Sacrifício de Isaac (1596), Caravaggio.



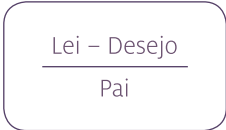
FIGURA 3
O Sacrifício de Isaac (1601 – 1602), Caravaggio.

Caravaggio retratou em duas de suas telas o momento bíblico da prova de fé e obediência de Abraão para com seu Deus.

A partir dessas imagens, Lacan elabora noções importantes para a psicanálise sobre a função do Pai. Como você interpreta essas imagens?

Para entendermos o sacrifício do filho, temos que focar a faca, o objeto pelo qual Deus poderá consumir seu desejo perverso. Simbolicamente, “a faca de Moisés”, instrumento que irá consumir o ato que passa à história do povo judeu, “separa” o desejo de Deus (Outro) do gozo absoluto de Deus, consistindo naquilo que, em psicanálise, chamamos de objeto causa do desejo — objeto a. O mesmo Deus que exige de Abraão a morte de seu filho Isaac, é “o deus eterno tomado ao pé da letra, não por seu gozo insondável, mas interessado na ordem do mundo”¹⁵ — na Lei. Tal é a função paterna, que vai ao Pai todo poderoso e a qualquer um que encarne essa função.

Esse relato que reúne os vários capítulos da história do (Pai 1), (Pai 2), (Pai 3) e (Pai 4) (cf. pág. 25), mostrando a evolução do conceito, constrói para a psicanálise uma verdade metonímica¹⁶, que desliza e coloca sob a transferência todo o processo do desejo, sobre aquilo que não tem um nome, ou tem nome improvável, mas que se coloca no lugar do Outro, agenciando, como diz Lacan, um singular equilíbrio da Lei e do Desejo.



• Ninguém deve desconhecer a Lei: essa fórmula, transcrita do humor de um Código de Justiça, que exprime, no entanto, a verdade em que nossa experiência se fundamenta e que ela confirma. Nenhum homem a desconhece, com efeito, já que a lei do homem é a lei da linguagem, desde que as primeiras palavras de reconhecimento presidiram os primeiros dons, tendo sido preciso haver os detestáveis daneses (dinamarqueses), que vinham e fugiam pelo mar, para que os homens aprendessem a temer as palavras enganosas com os dons sem fé. (LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. pág. 173.)

PARA RESUMIR...

PAI¹⁷

- Imaginário

Pai 1

Totem > animal toêmico > clã

Tabu > interdição

Pai 2

Chefe da horda

O grande homem - Moisés

- Simbólico

Pai 3

Um nome - uma função

Um sinal > O Nome-do-Pai

- Real

Pai 4

O Nó Marromeano: o simbólico, o imaginário

e o real > os Nomes-do-Pai

Atividades

..... CORRESPONDE À ATIVIDADE 4 NO MAPA DE ATIVIDADES

1) O texto *Totem e Tabu* é composto de quatro partes: 1) Horror ao incesto; 2) O Tabu e ambivalência dos sentimentos; 3) Animismo, magia e onipotência das idéias; 4) O Retorno infantil ao totemismo. Escolha e analise uma dessas partes.

2) A partir da Epistemologia da Psicanálise, como você interpreta a função do pai em Lacan?

3) A partir da leitura do trecho abaixo, extraído do livro *Caim*, de José Saramago, faça uma análise crítica positiva ou negativa relacionada ao tema estudado. Não se esqueça de justificar sua resposta.

(...) Ó Pai, chamou o moço, e logo uma outra voz, de adulto de certa idade, perguntou, Que queres tu, isaac, Levamos aqui o fogo e a lenha, mas onde está a vítima para o sacrifício, e o pai respondeu, O senhor há-de prover, o senhor há-de encontrar a vítima para o sacrifício. E continuaram a subir a encosta. Ora, enquanto sobem e não sobem, convém saber como isto começou para comprovar uma vez mais que o senhor não é pessoa em quem se possa confiar. Há uns três dias, não mais tarde, tinha ele dito a abraão, pai do rapazito que carrega às costas o molho de lenha, Leva contigo o teu único filho, isaac, a quem tanto queres, vai à região do monte mória e oferece-o em sacrifício a mim sobre um dos montes que eu te indicar. O leitor leu bem, o senhor ordenou a abraão que lhe sacrificasse o próprio filho, com a maior simplicidade o fez, como quem pede um copo de água quando tem sede, o que significa que era costume seu, e muito arraigado. O lógico, o natural, o simplesmente humano seria que abraão tivesse mandado o senhor à merda, mas não foi assim. Na manhã seguinte, o desnaturado pai levantou-se cedo para pôr os arreios no burro, preparou a lenha

para o fogo do sacrifício e pôs-se a caminho para o lugar que o senhor lhe indicara, levando consigo dois criados e o seu filho isaac. No terceiro dia da viagem, abraão viu ao longe o lugar referido. Disse então aos criados Fiquem aqui com o burro que eu vou até lá adiante com o menino, para adorarmos o senhor e depois voltamos para junto de vocês. Quer dizer, além de tão filho da puta como o senhor, abraão era um refinado mentiroso, pronto a enganar qualquer um com a sua língua bífida, que, neste caso, segundo o dicionário privado do narrador desta história, significa traiçoeira, pérfida, aleivosa, desleal e outras lindezas semelhantes. Chegando assim ao lugar de que o senhor lhe tinha falado, abraão construiu um altar e acomodou a lenha por cima dele. Depois atou o filho e colocou-o no altar, deitado sobre a lenha. Acto contínuo, empunhou a faca para sacrificar o pobre rapaz e já se dispunha a cortar-lhe a garganta quando sentiu que alguém lhe segurava o braço, ao mesmo tempo que uma voz gritava, Que vai você fazer, velho malvado, matar o seu próprio filho, queimá-lo, é outra vez a mesma história, começa-se por um cordeiro e acaba-se por assassinar aquele a quem mais se deveria amar, Foi o senhor que o ordenou, foi o senhor que o ordenou, debatia-se abraão, Cale-se, ou quem o mata aqui sou eu, desate já o rapaz, ajoelhe e peça-lhe perdão (...)

(...) Eis o que mandou dizer o senhor, Já que foste capaz de fazer isto e não poupaste o teu próprio filho, juro pelo meu bom que te hei-de abençoar e hei-de dar-te uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu ou como as areias da praia e eles não-de tomar posse das cidades dos seus inimigos, e mais, através dos teus descendentes se não-de sentir abençoados todos os povos do mundo, porque tu obedeceste à minha ordem, palavra do senhor (...)

(...) imaginemos um diálogo entre o frustado verdugo e a vítima salva in extremis. Perguntou isaac, Pai, que mal te fiz eu para teres querido matar-me, a mim

que sou o teu único filho, Mal não me fizeste, isaac, Então por que quiseste cortar-me a garganta como se eu fosse um borrego, perguntou o moço, se não tivesse aparecido aquele homem para segurar-te o braço, que o senhor o cubra de bênçãos, estarias agora a levar um cadáver para casa, A idéia foi do senhor, que queria tirar a prova, A prova de quê, Da minha fé, da minha obediência, E o senhor é esse que ordena a um pai que mate o seu próprio filho, É o senhor que temos, o senhor dos nossos antepassados, o senhor que já cá estava quando nascemos, E se esse senhor tivesse um filho, também o mandaria matar, perguntou isaac, O futuro o dirá (...)

Referências

- ZART GALLERY. Van Gogh, Vincent. Disponível em: www.2artgallery.com. Acesso em 25/10/2010.
- ASSOUN, P.-L. *Que sais-je?*. Paris: PUF, 2003.
- _____. *Psychanalyse*. Paris: PUF — Quadrige, 2007.
- BARITAUD, B. *Cinquant Mots Clés de la Culture Générale Classique*. Paris: Ed. Marabout, 1992.
- BIRMAN, J. *As Pulsões e seus Destinos*. Rio de Janeiro: Record/ Civilização Brasileira, s.d.
- BRITO, A.N. *Nomes Próprios: Semântica e Ontologia*. Brasília: Editora UnB, 2003.
- CULTURA BRASIL. *Sigmund Freud*. Disponível em: www.culturabrasil.pro.br/freud.htm. Acesso em: 19/10/2010.

- DARWIN, C. *A Evolução das Espécies*. 6 e.d. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002.
- FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade Infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud*. v.VII. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.VII)
- _____. *O Mal-estar na Civilização*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI)
- _____. *Totem e Tabu*. Tradução Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIII)
- _____. *O Interesse Científico da Psicanálise*. Tradução Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974c. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIII).
- _____. *Projeto de uma Psicologia para Neurólogos*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. III)
- _____. O seminário. Livro 20. *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-73/ 1985.
- _____. *Os Instintos e suas Vicissitude*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIV).
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.
- _____. Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.
- _____. Le Séminaire — livre XXII — *RSI* (original 1974-75) s.d.
- _____. Le Séminaire — livre XXIII: *Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil. (Original publicado em 1975-1976), 2005.
- _____. Le Séminaire — Livre IV: *La Relation d'Objet*. Paris: Seuil, 1994.
- _____. O Seminário — Livro IV: *A Relação de Objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LAPLANCE, J. PONTALIS, J.- B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ROUDINESCO, E. *Em Defesa da Psicanálise: ensaios e entrevistas*. Tradução André Telles. Marco Antonio C. Jorge (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.
- ROUDINESCO, E. PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- RUSSELL, B. The Philosophy of Logical Atomism. In: *Logic and Knowledge*. Londres: Routledge, 1918.
- SARAMAGO, J. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- TREVISAN, D. *Desgracida*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- VAN GOGH GALLERY. Disponível em: www.vangoghgallery.com. Acesso em 25/10/2010.
- WEB GALLERY OF ART. Caravaggio. Disponível em: www.wga.hu. Acesso em 23/10/2010.
- WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Jacques Lacan. Disponível em: www.pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Lacan. Acesso em: 19/10/2010.



1. Um pouco de lógica...

Conjuntos

1 · O **conjunto vazio** é o único conjunto que não possui elementos, e é representado pelos símbolos \emptyset ou $\{\}$. Como todos os conjuntos vazios são iguais uns aos outros, é permissível falar de um único conjunto sem elementos. Já em Psicanálise, o conjunto vazio tem relação com o silêncio, a falta. O que representa um contorno significativo que faz borda ao primordial da absoluta negatividade de sentido.

2 · O conjunto de elementos que, simultaneamente, pertencem a dois ou mais conjuntos é chamado de **interseção**, sendo representado por \cap . Por exemplo, se o conjunto A possui os elementos $\{1, 2, 3, 4, 5\}$ e o conjunto B possui os elementos $\{2, 4, 6, 8\}$, então $A \cap B = \{2, 4\}$. É equivalente a **conjunção**.

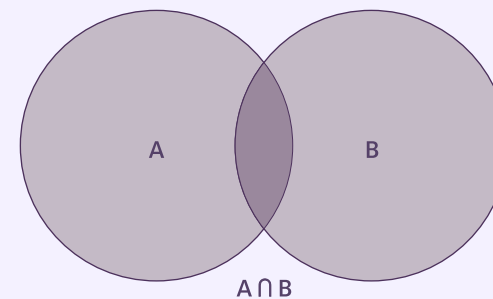


FIGURA 4 Representação gráfica da interseção entre dois conjuntos.

3 • Conjunção ou **operador “e”** (símbolo \wedge) é usado quando duas proposições possuem relação de dependência ou ainda uma simples coordenação. Dadas duas proposições P e Q, elas, são representadas por conjunção como $p \wedge q$,

p = alunos de História

q = alunos de Filosofia

$p \wedge q$ = alunos de História e Filosofia

A operação de conjunção lógica é relacionada à interseção de conjuntos. Uma ideia tem de ser verdadeira (igual a 1) em ambas as situações (ou conjuntos) para que o resultado seja verdadeiro. Em outras situações, o resultado será falso (igual a 0). Ver figura 5.

4 • Denominamos **união** ou **reunião** de dois conjuntos A e B quaisquer ao conjunto formado pelos elementos que pertencem a pelo menos um dos conjuntos A e B. É representado pelo símbolo U. Se $A = \{1, 3, m\}$ e $B = \{2, 3\}$, então $A \cup B = \{1, 2, 3, m\}$.

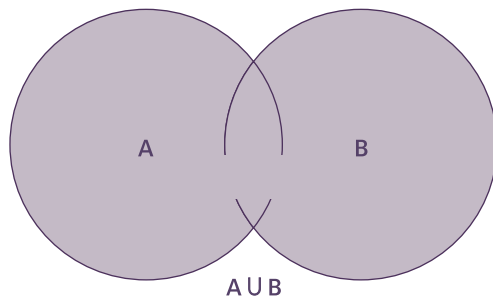


FIGURA 5 Representação união entre os conjuntos A e B.

5 • Disjunção ou **operador “ou”** é um operador lógico utilizado na lógica matemática, intimamente ligado ao conceito de união de con-

juntos numéricos. É representada tecnicamente pelo símbolo \vee . Ver figura 2. Ex.:

p = Amélia faz natação.

q = Rosa faz balé.

$p \vee q$ = (Amélia faz natação) ou (Rosa faz balé).

6 • Entende-se por função **recursiva** aquela que faz uma chamada a si mesma (de forma direta ou indireta), e tem que seguir duas regras consideradas básicas: **1-** ter uma condição de parada; **2-** tornar o problema mais simples.

Recursividade é um termo usado de maneira mais geral para descrever o processo de repetição de um objeto de um jeito similar ao que já fora mostrado. Um bom exemplo disso são as imagens repetidas que aparecem quando dois espelhos são apontados um para o outro.

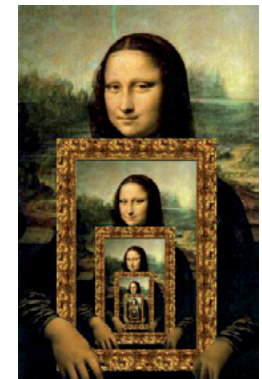


FIGURA 6

7 • O Complemento é uma operação que transforma em inteiro um conjunto a partir do seu inverso aditivo. Útil para subtrair, quando somente a adição é possível, ou é mais fácil.

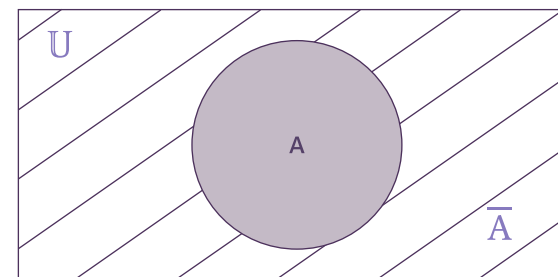


FIGURA 7

Dado o conjunto Universo (cujo símbolo é U , considerado como o todo, incluindo os subconjuntos e o conjunto complemento). Chamamos de complemento de A o conjunto formado por todos os elementos de U que não estão em A . Denotamos por $\bar{A} = U - A$.

8 - Correspondência é quando, dados dois conjuntos X e Y , os elementos do primeiro (X) correspondem-se com um ou mais elementos do segundo (Y), ou seja, ao menos um elemento de X está relacionado a Y . Há vários tipos de correspondência: unívoca, inversa ou biunívoca, não- unívoca.

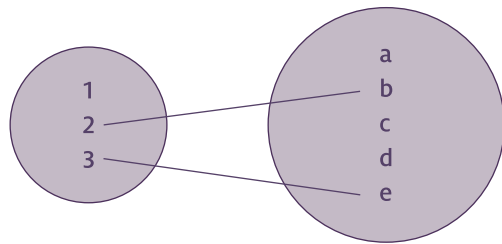


FIGURA 8
Representação
gráfica da
Correspondência

Princípios da lógica

A Lógica é dependente de três princípios fundamentais: o Princípio da Identidade, o da Não-Contradição e o do Terceiro Excluído.

a) Princípio de identidade

Uma coisa é o que é. O que é, é; e o que não é, não é. Esta formulação remonta a Parmênides de Eléia. Ou seja, **A é A** . O **princípio de identidade** $A = A$ é autoevidente, não porque tal nos pareça ou porque tenhamos um sentimento de certeza de que é autoevidente, mas porque sua contraditória, $A \neq A$, tem duplo sentido: se $A \neq A$, o sujeito

da proposição não é igual ao seu predicado, mas, sendo a proposição reversível — o predicado tornando-se sujeito, e o sujeito, predicado —, temos então dois sujeitos diferentes, ambos sujeitos da mesma proposição: $A_1 \neq A_2$. Logo, a sentença $A \neq A$ não é unívoca e não pode ser unívoca, donde se patenteia que $A = A$ é autoevidente.

$$A = A$$

b) Princípio da Não-Contradição

O **Princípio da Não-Contradição** foi formulado por Aristóteles em seus estudos sobre a lógica e diz que uma proposição verdadeira não pode ser falsa e uma proposição falsa não pode ser verdadeira. Nenhuma proposição, portanto, pode ser os dois ao mesmo tempo. O princípio da não-contradição é representado do seguinte modo:

$$\neg P (\wedge \neg P)$$

Exemplo: Não (“a bola é redonda” e “a bola não é redonda”).

Portanto, segundo o princípio da não-contradição, uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. Uma coisa não pode **ser** e **não ser** ao mesmo tempo, segundo uma mesma perspectiva. Ou seja, não posso dizer, por exemplo, que “A Teresa é e não é Teresinense”. Em termos de proposições: Uma proposição e a sua negação não podem ser simultaneamente verdadeiras; e duas proposições contraditórias não podem ser simultaneamente verdadeiras.

Um bom exemplo para a lei da não-contradição é a falaciosa afirmação de que a verdade é relativa. A afirmação de que a verdade é relativa é verdadeira? A exceção da verdade relativa é a verdade absoluta, o que deixa a afirmação sem sentido.

c) Princípio do Terceiro Excluído

O **Princípio do Terceiro Excluído** nos diz que uma coisa deve ser, ou então não ser; não há uma terceira possibilidade (o terceiro é excluído).

Em termos de proposições, temos os enunciados: Uma proposição é verdadeira ou então é falsa; não há outra possibilidade. Se encararmos uma proposição e a sua negação, uma é verdadeira e a outra é falsa, não há meio termo; e de duas proposições contraditórias, se uma é verdadeira, a outra é falsa, e se uma é falsa, a outra é verdadeira, não há meio termo. Ou A é x ou é y e não há terceira possibilidade.

Símbolos lógicos

\in pertence	\exists existe
\notin não pertence	\nexists não existe
\subset está contido	\forall para todo (e qualquer que seja)
$\not\subset$ não está contido	\emptyset conjunto vazio
\supset contém	\mathbb{N} conjunto dos números naturais
$\not\supset$ não contém	\mathbb{Z} conjunto dos números inteiros
$/$ tal que	\mathbb{Q} conjunto dos números racionais
\Rightarrow implica que, implicação	$\mathbb{Q}' = \mathbb{I}$ conjunto dos números irracionais
\Leftrightarrow se, e somente se, bi-implicação	\mathbb{R} conjunto dos números reais
\sim negação	\neg negação
$_$ negação	$\{ \}$ conjunto vazio

Operações de conjuntos

$A \cup B$	A união B
$A \cap B$	A intersecção B
$A - B$	diferença de A com B
$a < b$	a menor que b
$a \leq b$	a menor ou igual a b
$a > b$	a maior que b
$a \geq b$	a maior ou igual a b
$a \wedge b$	a e b
$a \vee b$	a ou b

No início do século XX criam-se novas linguagens formais porque a linguagem natural é contraditória. Os números, as letras, as entidades lógicas são importantes para a formalização da psicanálise. Esses elementos lógicos são representações que estão fora do tempo e servem à transmissão dos conceitos em psicanálise, apresentados sob a forma de fórmulas, matemas, esquemas. O recurso à topologia marca por sua vez uma mutação do ponto de vista lógico-epistemológico, importante no projeto lacaniano. O segundo momento topológico, que sucede à banda de Moebius, ao toro e ao “*cross-cap*”, é apresentado no Nó Borromeano.

Em Lacan a escritura adquire um caráter algorítmico que a aproxima do rigor da formalização matemática. É uma escritura algébrica que reduz o deslize de transmissão pondo fronteiras ao equívoco, já que não é de bom alvitre colocá-lo em psicanálise e alimentá-lo sob o alibi de ser ele de estrutura. A escritura em algoritmo apresenta três termos. Cada um deles se define por uma conceituação muito precisa: o sujeito, a borda e o objeto.

Por 'sujeito' (\$) não entendemos o substrato ôntico ou pático (pathos) que está implicado no uso dessa noção. O sujeito em Lacan se define a partir do sujeito cartesiano tal como é desdobrado ao longo das Meditações. Trata-se do sujeito na sua relação com o Outro.

O segundo elemento presente nessa escritura é um losango (\diamond). Podemos decompô-lo. Nesse caso, ele nos revela a combinação simultânea dos símbolos matemáticos que denotam a reunião (\vee) e a separação (\wedge). Ele diz que há uma relação de *inclusão* e de *exclusão* entre os dois termos do fantasma: o sujeito e o objeto. A adscrição do sujeito ao campo da linguagem o separa do objeto que é da ordem do real. Por sua vez, este objeto que definimos como excluído da linguagem (fora-significante) não o cernimos senão com as redes e a trama do significante. É o que se traduz — no imaginário — como a vontade de encontrar o *complemento de gozo*. Por isso, o fantasma diz no imaginário que é possível encontrar aquilo que fora desde o princípio um objeto perdido.

Mas também é possível decompor esse losango de um outro modo: o sagital. Ele nos revelará, então, a combinação igualmente simultânea das figuras retóricas da inclusão e da exclusão dos termos da teoria de conjuntos. A análise dirá, então, que o sujeito é menor e, portanto, está incluído ($<$) no objeto. Isso não impede que, ao mesmo tempo, ele seja maior e, portanto, inclua ($>$) esse mesmo objeto a.¹⁸

$$\diamond = \vee + \wedge$$

Símbolos da lógica utilizados em psicanálise para elaboração dos algoritmos e matemas.

Ex.: $\$ \diamond D$ – desejo da demanda

$\$ \diamond a$ – fantasma

$\$ \diamond d$ – desejo

O sujeito é uma letra = s (significante) em relação a outro s (significante); já na álgebra as letras são representações atemporais, elementos do O (grande outro¹⁹), mas com um sujeito desconhecido que aí opera.

É graças à contribuição da teoria dos conjuntos e dos elementos da lógica contemporânea que podemos situar os elementos da psicanálise e articulá-los no discurso lógico. Tomemos como exemplo o conjunto vazio. Tal conjunto tem relação com o silêncio, a falta. É nele que desliza o significante (produto da fala) na falta do discurso do outro, revelando o enigma do desejo do Outro – por exemplo, os “porquês” da criança.

Tomemos como exemplo a letra de *Oito anos*, composição de Paula Toller (com Dunga), de 1998, que tem como tema as perguntas que lhe fazia seu filho Gabriel, para verificarmos seu efeito.

• OITO ANOS

• Por que você é Flamengo
• e meu pai, Botafogo?

• O que significa
• “impávido colosso”?

Por que os ossos doem
enquanto a gente dorme?
Por que os dentes caem?
Por que os filhos saem?

Por que os dedos murcham quando estou no banho?	Por que as cobras matam?
Por que as ruas enchem quando está chovendo?	Por que o vidro embaça?
Quanto é mil trilhões vezes infinito?	Por que você se pinta?
Quem é Jesus Cristo?	Por que o tempo passa?
Onde estão meus primos?	Por que a gente espirra?
Well, well, well, Gabriel ...	Por que as unhas crescem?
Por que o fogo queima?	Por que o sangue corre?
Por que a Lua é branca?	Por que que a gente morre?
Por que a Terra Roda?	Do que é feita a nuvem?
Por que deitar agora?	Do que é feita a neve?
	Como é que se escreve Réveillon?
	Well, well, well, Gabriel...

Retomando a questão de pulsão escopofílica de saber, os porquês das crianças consistem numa necessidade de pensar, elaborar respostas e preencher o vazio provocado pelo não-saber. O produto é uma cadeia significativa metonímica, isto é, com sentido.

Atividades

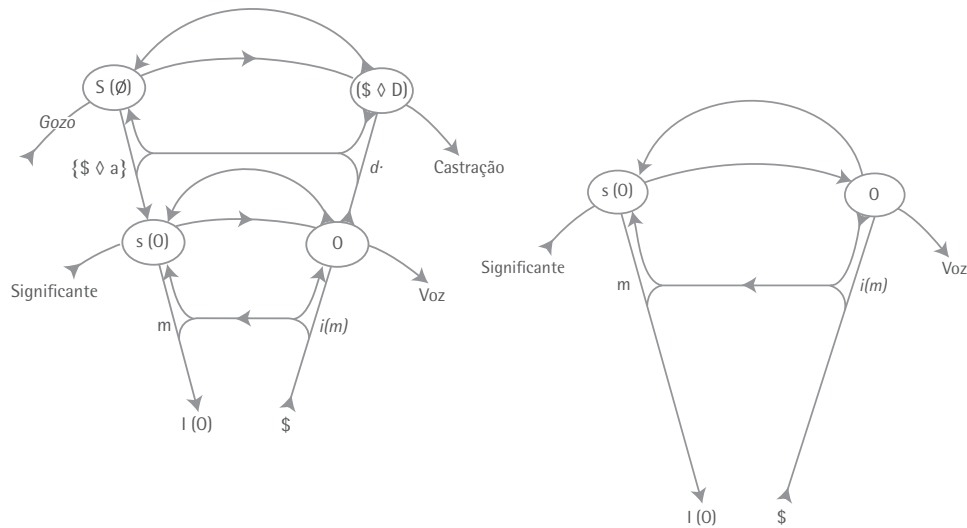
..... CORRESPONDE À ATIVIDADE 6 NO MAPA DE ATIVIDADES

1) A linguagem lógica não corresponde à nossa linguagem ordinária. No formalismo lógico, designamos por letras (ex. p, q, r, s, ...) os enunciados elementares e por símbolos lógicos os elementos de ligação (conectores lógicos). Utilizando sinais e letras, faça um exercício de escrita lógica reescrevendo o “Rififi na Casa Branca”.

“Rififi na Casa Branca”

Tomemos três personagens conhecidos na Casa Branca: Bill, Mônica e Jorge. Ao designar por B “Bill é inocente”, por M “Mônica é inocente” e por G “Jorge é um aproveitador”, escreva cada uma das declarações dadas por essas personagens, utilizando os sinais da lógica.

- » Bill declara: “Se eu sou inocente, isso implica em dizer que Mônica é culpada e Jorge é um aproveitador”.
- » Mônica declara: “Dizer que Bill ou eu somos inocentes implica dizer que Jorge é um aproveitador”.
- » Jorge afirma: “Se eu não sou um aproveitador e Mônica é culpada, isso implica dizer Bill é culpado.”



2) No texto *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo*, Lacan apresenta algoritmos e matemas no “grafo do desejo”. Especifique por símbolos os seguintes elementos do grafo (1º estágio):

- a. Sujeito _____
- b. Ideal do EU _____
- c. Eu ideal _____

Nesse grafo encontramos ainda elementos simbólicos como o Outro, pulsão, desejo e fantasma. Escreva o símbolo de cada um deles (2º estágio):

- a. Grande Outro _____
- b. Relação do sujeito com a Demanda (de amor) _____
- c. Relação do sujeito com o objeto a (fantasma) _____
- d. Relação do sujeito ao desejo _____

Referências

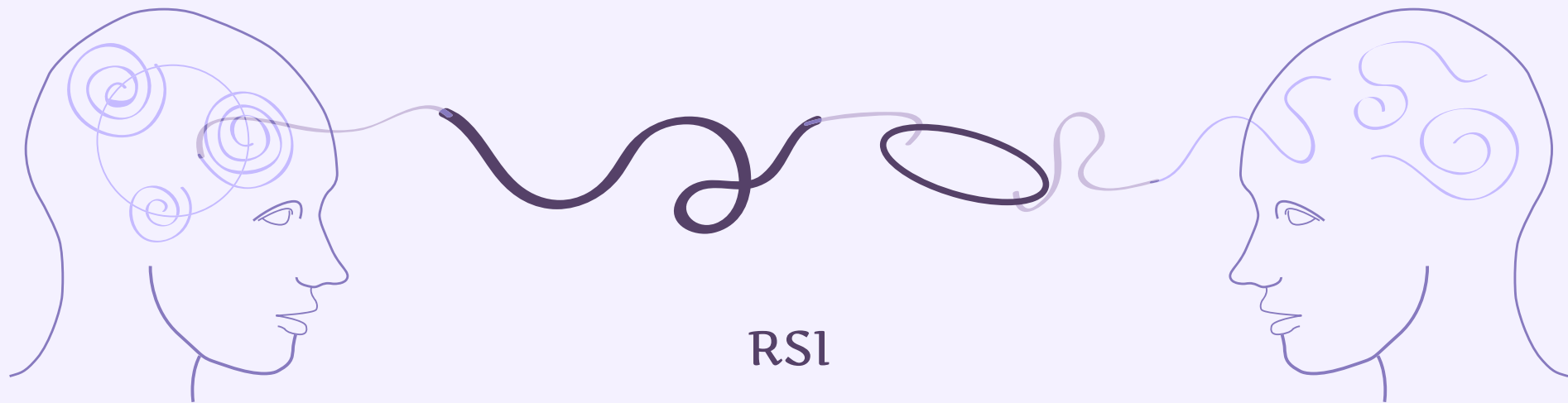
CABAS, A.G. A Questão das Estruturas Clínicas. In: THÀ, F. et al (Org.) *A Política*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana – Transmissão em Psicanálise, 1988. (Coleção Letras da Coisa, 6).

CALCANHOTO, A. *Oito Anos*. Disponível em: www.facildownloads.com.br/.../adriana-partimpim-oito-anos-30461.html. Acesso em: 02/08/2010

SÓ MATEMÁTICA – Portal Matemático. Disponível em: www.somatematica.com.br. Acesso em: 02/08/2010.

TOLLER, P. DUNGA. *Adriana Partimpim – O Show: Oito Anos*. Adriana Calcanhoto. São Paulo: Sony & BMG Brasil Ltda., 2005. 1 DVD (60:09 Min.): digital, estéreo. BRBMG 0500201.

WIKIPÉDIA- A Enciclopédia Livre. *Teoria dos Conjuntos*. Disponível em: www.pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_dos_conjuntos. Acesso em: 02/08/2010.



1. A episteme psicanalítica

Em Filosofia, a epistemologia trata de conceitos. A pesquisa teórica se realiza através desses conceitos, com método. Da mesma forma, na pesquisa do inconsciente, a Psicanálise trata de seus conceitos com método próprio — a “associação livre”. Entre a epistemologia propriamente dita e a epistemologia da psicanálise, há uma ruptura consciência/inconsciente. Esta última, além de conceitos psicanalíticos, estuda as formações do inconsciente, como atos falhos, chistes e sonhos, na verdade a via real de acesso ao inconsciente, pois é a partir deles que a clínica se faz.

Freud assenta sua doutrina no conceito de inconsciente, sem o qual a psicanálise não teria sido criada. Em torno deste conceito gravitam os demais, que sustentam o edifício da psicanálise. São conceitos lógicos, biológicos, psicológicos e metapsicológicos, como

sexualidade, entendida como pulsão de morte e de vida. Tais conceitos são importantes para a formalização da clínica e a transmissão da psicanálise; são eles que permitem que a psicanálise, de uma técnica clínica — “terapêutica” — torne-se uma “episteme”, na medida em que reflete sobre a causa dos problemas que afligem os homens.

• A **Epistemologia** e/ou **Teoria do Conhecimento** trata dos fundamentos do conhecimento científico, de seus limites e de seus problemas.

• A epistemologia questiona os fundamentos do conhecimento de cada período histórico.

• O Período Moderno é marcado por um grande florescimento científico, intensamente estimulado pela ruptura entre a fé e a razão e pela matematização do mundo.

É a partir desse momento histórico, com Francis Bacon, e depois com René Descartes, que surge um método próprio de conhecimento da natureza, de investigação dos fenômenos, o qual foi consolidado como método científico.

Para fazer ciência, é necessário construir um objeto de estudo. Esse objeto só tem sentido no universo da cultura (a grande extensão do ser no mundo — para Lacan “O”, o Outro). A referência da ciência é a natureza, a vida. Assim, entendemos por que em Freud a sua conotação é sexual.

Porém, a grande ilusão da ciência é que se pode articular a totalidade dos elementos que constituem seu objeto de forma coerente. É a grande ilusão pansexualista, em que não haveria intromissão do sujeito. A criação do discurso lógico-matemático na modernidade é importante para a ciência e a objetividade de sua busca, na tentativa de exclusão do sujeito.

Desde então, o sujeito da ciência é o sujeito cartesiano. A subjetividade como tema só será recuperada quando, posteriormente, for atribuído ao sujeito um lugar como sujeito do discurso.

Freud sempre almejou para a psicanálise o *status* de ciência. Já em 1925, ressalta que, se “a psicanálise originalmente era designação de um certo procedimento terapêutico; a palavra psicanálise tornou-se hoje o nome de uma ciência: da dor e do inconsciente psíquico”. Em *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, Freud diz que foi “graças à ciência do sonho que a análise passou de método terapêutico a psicologia das profundezas”.

Essa ambição freudiana liga-se ao lugar que a ciência ocupa no final do séc. XIX e o desejo de situar a psicanálise nesse campo, mesmo que para isso se construa o lugar de “extimidade” que lhe dá a pesquisa do inconsciente.

Como vimos, com Freud a etnologia, a antropologia dos povos dá subsídios à construção de conceitos como o de Pai, centro do complexo familiar. Já em Lacan, é a linguística, e assim como a lógica, a conceitografia e a *mathemata* que dará à psicanálise um objeto de estudo e um lugar no campo do saber. A noção de Pai é fundamental como conceito- causa e fornece um operador para a psicanálise, analisado como *função paterna*. Função que vemos em Freud nos mitos e nas tragédias, e em Lacan, segundo sua doutrina linguística, no *Nome-do-Pai*, e em sua forma plural como *Nomes-do-Pai*. A importância desse tema é apresentada pela cronologia das referências ao Nome-do-Pai.

Referências ao Nome-do-Pai em Lacan

1953 – Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos.

1962 – Seminário X – Angústia

1963 – Seminário X – Os Nomes-do-Pai.

1973/1974 – Seminário Les non-dupes errent (paródia homofônica) = “Les Noms du Pere”.

A partir 1974/1975 – Seminário XXII – RSI (seminário ainda não editado) e Seminário XXIII – O Sinthoma.

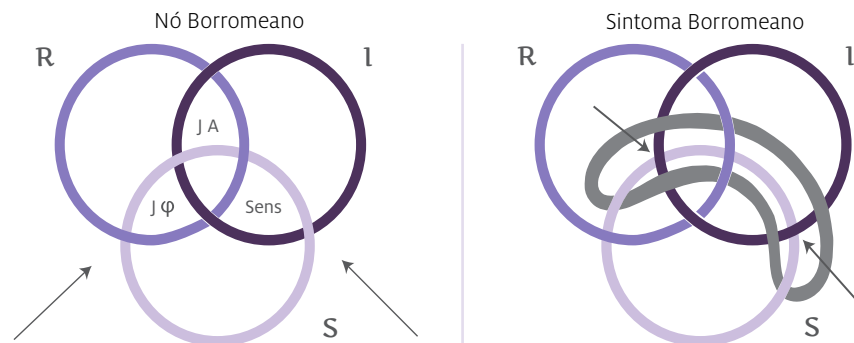
Lacan livra o termo de toda a narratividade mitológica freudiana e introduz a idéia de que o pai é uma metáfora. Como toda e qualquer metáfora, esta também se caracteriza pela substituição de um significante por outro, que surge a partir de uma significação desconhecida, uma significação inédita. Observemos esta metáfora de Carlos Drummond de Andrade²⁰: “O tempo é uma cadeira ao sol, e nada mais”.

A metáfora consiste numa criação significativa: em psicanálise, o ponto obscuro da metáfora é o desejo da mãe; esse ponto é encontrado no coração da metáfora paterna, que engendra o pai como um nome a partir da palavra da mãe. O pai real é o genitor presente na família; o pai imaginário é imaginado numa identificação com o pai todo poderoso; a modesta pessoa do pai real sustenta a função de pai simbólico, com a função — de dizer não ao gozo da mãe. É possível compreender, então, porque o simbólico tem uma relação clara do desejo com a lei, idêntica à ordem da linguagem.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da mãe}}{\text{Significado para o } \$} \cdot \text{NP} \frac{\text{Cultura}}{\text{Falo}}$$

2. A teoria dos nós

Mais tarde, com ajuda da topologia, Lacan constrói os nós, conjuntos estruturais de apresentação do aparelho psíquico.



Aos três registros — real, simbólico e imaginário (Nó Borromeano), Lacan acrescenta um quarto termo: o sinthoma.

Nó Borromeano é uma trilogia de nós que tem essa denominação extraída do brasão da família dos Borromeos do séc XV. Cada nó corresponde a uma dimensão: o simbólico, o imaginário e o real. O trio é solidário, cortando-se qualquer um dos anéis, os outros se desfazem, o sintoma intervém como um quarto anel ou dimensão. Lacan introduz o termo sinthoma, que é uma antiga grafia da palavra sintoma, dando a ele uma significação topológica nesse conjunto.

3. O sinthoma borromeano²¹

Lacan inicia o Seminário XXIII com a frase: “sinthoma é uma maneira antiga de escrever aquilo que ulteriormente será escrito como sintoma”. No entanto, o sinthoma expande a noção de sintoma porque, à diferença deste, é uma exceção que situará o sujeito (do inconsciente) para além de qualquer possibilidade de universalizá-lo, sufocando sua singularidade. O sinthoma revela a persistência de restos sintomáticos oriundos do real “que não cessa de se escrever” e se repete.

O nó borromeano que enlaça Real, Simbólico e Imaginário é um “topos” constituído de 3 elementos que, sendo um deles cortado, tem como particularidade o desfazer-se do nó. Desses 3 elementos, é o real que determina como cada um goza de seu inconsciente e o real para Lacan não tem sentido. Se o inconsciente apresenta algum sentido, seu vetor é uma resposta sintomática. Por meio dessa

topologia, que serve à transmissão da psicanálise, Lacan acrescenta ao nó borromeano um 4º elemento que os une e enlaça, com uma função de suplência.

No Seminário XXIII, Lacan conclui a questão do pai com o estranho silogismo: “a hipótese do inconsciente assinalada por Freud se sustenta com a suposição do Nome-do-Pai; supor o Nome-do-Pai é supor Deus. A psicanálise procura mostrar que precisamos do Nome-do-Pai na medida em que possamos deixá-lo de lado; esta é a conclusão da psicanálise: o Nome-do-Pai é necessário para que possamos nos servir dele e finalmente descartá-lo”.

Atividades

.....CORRESPONDE À ATIVIDADE 7 E 9 NO MAPA DE ATIVIDADES

- 1) Leitura e fichamento do texto de Lacan, *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*.
- 2) Examine a estrutura do Nó Borromeano (RSI) e, com um cordão, construa uma réplica dele. Perceba o que acontece ao cortar um dos elos..., pois assim também ocorre com RSI.



A Transmissão e a Formação em Psicanálise

1. A Clínica, a Formação e o Cartel

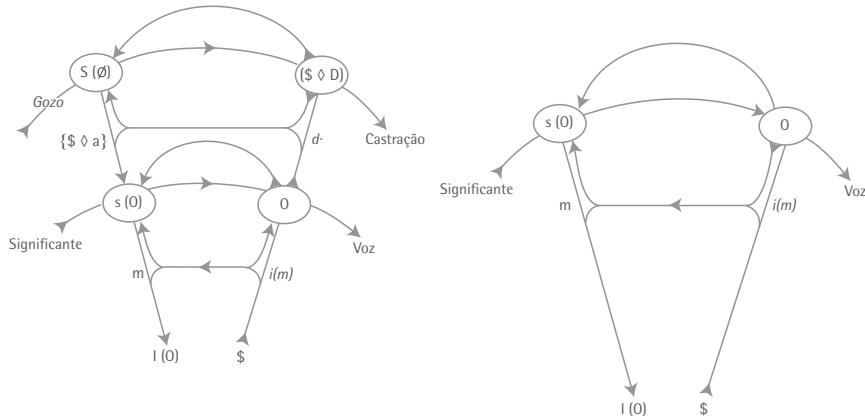
A epistemologia da psicanálise tem papel fundamental na transmissão. A transmissão é apresentada numa dimensão teórica, mas não está livre de seus efeitos. Os efeitos de um ensinamento em psicanálise, mesmo teóricos, têm um alcance clínico, i. é, o sujeito está implicado na trama dos conceitos, ou, no dizer laciano, dos significantes.

Dessa forma, os conceitos fundamentais da psicanálise norteados pela noção de inconsciente, como circuito pulsional, desejo e gozo, fantasma, castração, sujeito (como no grafo da *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*), tratam o sujeito, e conseqüentemente a posição subjetiva, não apenas na relação analista/analisante, mas também na clínica. Os grafos dão suporte à construção do saber psicanalítico.

O que é visado é um pluralismo e uma conexão entre os conceitos. A racionalidade está aí presente, daí a importância da lógica dos matemas e das apresentações dos grafos lacianos para a aprendizagem da psicanálise.

Os jogos de linguagem da psicanálise incluem os conceitos, as proposições, a formalização da psicanálise na clínica, mesmo que o praticante seja um praticante do texto.

Obs.: Toda clínica e formação têm uma autoria o que implica na responsabilidade pela formação. Os autores abaixo são citados em função desse lugar que ocupam na clínica.



2. Clínica do Texto²²

por Maria Cristina de Távora Sparano

Abordar um texto é uma aventura a dois, do texto e do leitor. Podemos buscar o texto e nisso buscar informação, diversão, conhecimento, saber. Se nessa aventura nos aplicarmos bem, podemos ir um pouco além e buscar também significados para o texto, o que já é da ordem de uma interpretação textual ou uma hermenêutica.

Porém a clínica não é uma aventura, mas uma práxis que também diz respeito a dois — de um que pede algo a outro que supostamente sabe sobre aquilo que este pede. Há um método que, para o praticante na clínica, é de conduzir esse primeiro passo, que é de transferência, segundo uma estratégia definida visando pôr em questão um sujeito. Em psicanálise tal sujeito é o sujeito do inconsciente, pois de outro não se trata. O inconsciente, com sua estrutura ficcional na relação analítica, visa tocar tal sujeito.

A literatura nos mostra também que são ficcionais suas obras. Um conto, uma novela, um texto qualquer é uma amarração inventiva. No seu tecido ficcional sempre há uma verdade. Antes os filósofos a buscavam nas tragédias, nos poemas, nos diálogos. Com o tempo esqueceram-se da verdade e deram lugar ao saber. O sujeito que dessa relação advém é de outra ordem, é sujeito do saber — sujeito que sabe e se sabe nos moldes hegelianos, insuflado pela posição de mestria, é senhor/escravo dos significados.

Muito se tem falado no gozo implicado nesse saber. Uma clínica do texto vai na direção da modificação desse gozo. O bom leitor é aquele que, no dizer de Bergson, como nos sonhos, se desinteressa. É assim que não se dirige ao texto a fim de extrair-lhe significados, mas para deixá-lo vir, para escutá-lo. Aí se formula uma demanda por um outro lado do texto. Inverte-se a posição: o texto não mais dá ao leitor, mas pede para ser lido. Aquele que se dirigia ao texto muda de posição, se implica. Uma vez invertida a posição, não há mais aventura, mas a possibilidade da formulação dessa demanda muitas vezes explícita no texto.

Acolher essa demanda, escutar o texto é dar-lhe nova dimensão, talvez sua dimensão real, a de um evento. Aprendemos isso com Lacan na sua “Resenha da ética” (revista Falo nº 3)... “O evento Freud não deve ser apreendido atualmente em outro lugar que não seja nos escritos traçados pela mão de Freud, suas obras, como se diz. Eis justamente porque, ele escapa aos que se contentam em folheá-las sem que lhes seja necessário prestar mais contas do que isso”... E Lacan continua prevenindo:... “não é a história dos eventos que os escritos representam. Os escritos são os eventos, eles participam, é claro, da temporalidade inerente

ao discurso, mas o evento é um evento de discurso, como convém, pois não há evento que não se situe a partir de um discurso...”

Não basta, no entanto, apenas escutar o texto, é preciso intervir, ler. Esse retorno ao texto é o que se chamaria **verdadeiramente** de uma **interpretação**, já que não há mais submissão ao texto, mas uma intervenção no saber, um trabalho de construção.

Se a clínica é uma práxis, que considera a demanda e tem uma estratégia de direção, ao tomar o escrito como um evento, como um caso de discurso, há que interpretar suas letras. Operar com palavras, mesmo mortas, é dar-lhes uma dimensão de fala, de um **ato de fala**.

Curitiba, junho de 1993.

3. Algumas Notas Sobre a Formação em Psicanálise²³

por Fabio Thá

A formação em Psicanálise é normalmente abordada em função de três aspectos fundamentais: a análise pessoal, o controle e a formação teórica. É a manutenção deste tripé, como é chamado, a que Freud visava com a criação dos Institutos de formação, como ele próprio apresenta em seu texto “A Questão da Análise Leiga”, de 1926: “*Nesses institutos os próprios candidatos são submetidos à análise, recebem instrução teórica mediante conferências sobre todos os assuntos que são importantes para eles e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e*

mais experimentados, quando lhes é permitido fazer suas primeiras experiências com casos relativamente brandos.” (Freud, 1926, 258)

Ocorre que esta tríade formativa pode escorregar, como de fato ocorreu na história da psicanálise, para uma formação-tipo, o que reduz a formação que Freud procura transmitir à “*pessoa imparcial*” nesse texto, inclusive sublinhando que “*ninguém deve praticar a análise se não tiver adquirido o direito de fazê-lo através de uma formação específica*”, independentemente da origem ou qualificação profissional do interessado. Para Freud, a visada da formação, ou o que funda e justifica a psicanálise, é o saber inconsciente, o saber que se produz a partir das manifestações do inconsciente, um saber sobre a verdade.

A análise pessoal é o aspecto fundamental da formação. É nela que se produz o saber sobre a verdade do sujeito que aí está em questão e é daí que emana a convicção de que falar cura. Trata-se do saber do analisante, do trabalhador do inconsciente, que fundamenta o edifício da psicanálise.

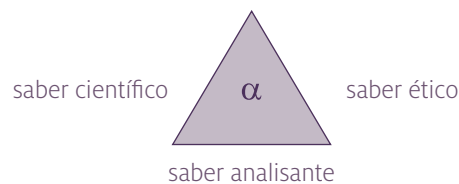
Se a análise pessoal é absolutamente necessária para a formação do analista, ela não é, no entanto, suficiente. Fornece o essencial, a certeza subjetiva da experiência do inconsciente, mas permanece no terreno do estrito particular. Dessa maneira, para que possa haver algum tipo de transmissão desse saber apreendido numa análise, é necessária uma formalização.

É aqui que entra o segundo pé da formação, o saber teórico ou científico. Era desígnio de Freud incluir a psicanálise no campo da ciência e seu esforço de formalização atesta isso. Trata-se de produzir um saber sobre o que a clínica deposita. Mas isto não pode ser feito sem o recurso a saberes de outros ramos do conhecimento humano. “*... juntamente com a psicologia profunda, que continua sempre*

como a principal disciplina, haveria uma introdução à biologia, o máximo possível de ciência da vida sexual e familiarização com a sintomatologia da psiquiatria... a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura. A menos que esteja bem familiarizado nessas matérias, um analista nada pode fazer de uma grande massa de seu material”. (Freud, 1926, 278).

Mas, além de uma experiência subjetiva e de um corpo de saber, a psicanálise também é uma prática. É o terceiro aspecto do tripé. Saliante-se que este aspecto não se reduz aos dois primeiros e comporta a prática da direção, que se sabe ser sobretudo ética. A psicanálise, enquanto prática clínica, supõe uma escuta particular que visa o inconsciente e isso exige do praticante um saber fazer que diz respeito ao particular de cada caso.

Essas três dimensões são fundamentais para a formação. Uma não pode substituir a outra e nenhuma pode ser excluída em favor de outra. Se representarmos essas três dimensões por retas que se entrecruzam, obteremos a figura de um triângulo, no interior do qual pode-se situar a formação do analista.



Esse triângulo mostra o cruzamento de três saberes. O saber científico, teórico, produzido pela formalização. O saber ético advindo da prática da direção. A base e o fundamento situam o saber do analisante, a experiência subjetiva do inconsciente, saber sobre a verdade, que processa, pode-se dizer, os outros dois. O analista é o produto e

o resultado dessa articulação. O espaço vazio que esse triângulo inscreve é exatamente o do desejo do analista.

Se essa é a estrutura da formação, o apagamento de um dos lados determinará seu aparecimento de maneira fantasmática, idealizada ou sintomal. Se Coisa Freudiana fosse um Instituto, diríamos que sob o grau de MC (o do saber formalizado e transmissível), apareceu o que faltou no funcionamento que contemplasse a estrutura: o saber ético, mas sob a forma imaginária — o fantasma “*O Analista*”.

Uma nota sobre este termo: analista. Por esta breve análise da proposta de Freud, vê-se que ele é produto de um trabalho sobre o saber. Portanto não é mestre do saber, como querem fazer crer certas formações imaginárias, mas seu fruto. Assim, essas três instâncias são lugares onde se deve cumprir um trabalho, e não graus hierárquicos onde se exerce a autoridade. Sua redução à hierarquia dos Didatas, Supervisores, etc... foi o que a Associação Psicanalítica Internacional fez, o que acabou por retirar o qualificativo permanente da formação que ele sugere.

O próprio Freud é testemunha dessa permanência em formação, o que é uma questão de desejo. Quando Lacan propõe sua Escola, que parece estar assentada sobre esses princípios, formula um funcionamento e visa justamente pôr empecilhos à inércia dos grupos que tendem a transformar os graus de trabalho e compromisso em hierarquias de saber. Sabe-se que ele não foi bem sucedido.

Além disso, vale lembrar que analista, para Freud, tem uma acepção bem mais ampla que a de praticante clínico. No texto citado, ele menciona os ‘analistas didatas’, aqueles representantes das várias ciências mentais que querem aplicar a psicanálise a seus campos de estudo. E também os ‘analistas educacionais’ ou ‘educadores

analíticos', que querem aplicar a psicanálise às práticas educativas. Estes também devem submeter-se ao triângulo da formação, inclusive “colher experiência de casos instrutivos e informativos... somente com os neuróticos será possível aos analistas didatas sob cuidadosa supervisão — ser educados para sua atividade não-médica subsequente.” (Freud, 1926, 281)

Como conclusão, pode-se dizer que a Freud interessava a sobrevivência e o desenvolvimento da psicanálise e foi pensando nisso que propôs essa estrutura de formação. Estrutura que deriva do que Freud realmente sabia: “Na psicanálise tem existido desde o início um laço inseparável entre cura e pesquisa. O conhecimento trouxe êxito terapêutico. Era impossível tratar um paciente sem aprender algo de novo... Essa perspectiva de ganho científico tem sido a feição mais orgulhosa e feliz do trabalho analítico”. (Freud, 1926, 291)

4. Cartel

O cartel é uma invenção de Lacan que visa manter nas instituições um trabalho permanente de investigação em relação à psicanálise. Seu objetivo principal é manter viva a causa analítica através da execução de um trabalho que deve ser produto, um “produto próprio de cada um”. Esse dispositivo adota como princípio a elaboração de um texto apoiada em um pequeno grupo. Cria, porém, por sua estrutura e funcionamento, mecanismos que possam conter os efeitos grupais. Em 1964, Lacan apresenta pela primeira vez o cartel. Entretanto,

alguns anos mais tarde, ele fornece com maior precisão os termos de sua formalização:

Primeiro · quatro se elegem para prosseguir um trabalho que deve ter seu produto. (Esclareço: produto próprio de cada um e não coletivo).

Segundo · a conjunção dos quatro se efetua em torno do Mais-Um (a figura do Mais-Um tem papel muito semelhante às funções da figura do tutor na EAD) que, embora possa ser qualquer um, deverá ser alguém. A seu cargo estará o velar pelos efeitos do empreendimento e provocar a elaboração de um texto.

Terceiro · para prevenir o efeito de cola, deve acontecer a permutação ao término fixado de um ano, dois no máximo.

Quarto · nenhum progresso será esperado, salvo o de pôr a “cêu aberto”, periodicamente, tanto o resultado quanto as crises de trabalho.

Quinto · o sorteio assegura a renovação regular dos pontos de referência criados a fim de vetorializar o conjunto.

Os componentes do cartel são tanto aqueles que praticam a psicanálise como qualquer um que deseje estudá-la. O que une os membros de um cartel é terem interesse pela investigação de um tema comum. Cada cartelando se delimitará a uma questão que se agrega a esse tema comum de onde advém o título do cartel. Cada cartel se compõe de, no mínimo, três cartelandos e no máximo cinco, sendo quatro a justa medida. O Mais-Um, que é escolhido pelos cartelandos, também é um participante do cartel, mantendo, como os demais, uma questão dentro do tema mais amplo de trabalho. Ele, porém, deverá sustentar uma

função específica de zelar pelo trabalho dos cartelandos, incentivando a elaboração de cada um e favorecendo a exposição dos produtos do cartel. O Mais-Um é também o elo com o Grupo e responde pela orientação lacaniana no cartel.

O que um cartel visa? O “produto de cada um” e não um produto coletivo é o que se espera ao final de um cartel. Com esse produto, pretende-se que cada cartelando possa constatar e transmitir o que foi tocado na sua relação com o saber analítico. Os produtos do cartel podem ser expostos em espaços diversos das psicanalíticas ou não, sendo a Jornada de Cartéis um momento privilegiado de se colocar a “céu aberto” as elaborações feitas a partir de tal dispositivo. Num prazo estabelecido por Lacan de um, no máximo dois anos, o cartel se dissolve. Tal conclusão é necessária, pois permite evitar a inércia típica de grupos de trabalho, que acabam por obstaculizar a produção de um novo saber para o sujeito.

Depoimentos do Cartel os Nomes do Pai Teresina, 2010/2²⁴

por Layane de Paula Veloso

Ao dar início à leitura de “Os Nomes-do-Pai”, vemos que Lacan se reporta a um de seus seminários (Seminário X – A Angústia), mas me parece que já se propusera a falar desse tema anteriormente. Apenas em Os Nomes-do-Pai a discussão sobre a Angústia passa a ter uma relevância maior.

De início, algumas perguntas foram lançadas no cartel para nossa reflexão:

- » A angústia é um afeto do sujeito?
- » Ela é estrutural, intrínseca, inata?
- » Em que momento o sujeito é afetado pela angústia?
- » Dá para determinar a angústia?

De antemão é necessário salientar um detalhe de extrema importância: a psicanálise estuda a falta; o problema é saber que falta é essa. Por que a falta causa agonia, aflição?

É um risco, mas devo admitir que, como pensa Lacan, para mim essa falta que causa angústia “não é sem objeto” e por isso mesmo é necessário estimulá-la para que ocorra aquela manifestação chamada agonia, que se situa entre a cabeça e o ventre e habita no meio do peito, como diz Lacan, “local que se apazigua na impassibilidade do Todo”.

Se assim for, o tema da angústia nos faz pensar que ela não é só estrutural, é também necessária. É como se já nascêssemos com essa fissura, essa falta que Lacan designou como objeto “a” (quanto a este, prefiro deixar em suspenso). Mas se fosse possível transpor essa barreira do Todo, do inacessível, a angústia cessaria?

Embora a intenção seja entender a angústia como estrutura, seu papel e suas causas, Lacan nos incita a rever o conceito da angústia dito por outros. Para Heidegger, a angústia é o que nos motiva, é o que pulsa e só através dela nos projetamos e deixamos de ser apenas um Dasein. Depois de refletir muito sobre a angústia e sua importância, chego a uma única conclusão: esse tema me traz mais dúvidas do que esclarecimentos; estudá-lo é alternar o prazer e a dor, e isso é o que o faz fascinante.

No decorrer do estudo e após tantas indagações sobre a questão da angústia e outras, chegamos a um ponto que é mister na obra de Lacan: o Pai. Freud já falara da dimensão deste assunto e da ilusão denominada por ele de religião e por Lacan, de Igreja. Diz ele: “ele é um terreno movediço, em que eu gostaria de avançar”, porém avança de modo mais específico, deixando a ordem eclesial de lado e focando na questão do Pai.

Declara-se insatisfeito com esse assunto da forma que os padres da Igreja e o próprio Santo Agostinho falaram sobre o pai, dizendo dele poucas coisas, sabendo falar mais sobre o Espírito Santo observando-se que sobre o pai havia uma fuga de idéias.

É sobre esse pai, talvez esse “Outro”, castrador de sonhos, de vontades, esse pai que priva e que apresenta a lei, causador mesmo de parte ou de toda essa angústia que voltaremos a discutir.

Por Sérgio Luiz Barroso de Carvalho:

No início do seminário “Os nomes do pai”, Lacan evidencia a problemática da angústia e sua relação com o Outro. Esse “Outro” (diferente do “outro”) abrange a cultura, a linguagem e até a moral, e acaba por orientar o sujeito — diz-se que o sujeito angustiado é dobrado pelo desejo do Outro. Nesse contexto, a angústia funciona como uma estrutura, algo que diz respeito a todos os seres humanos de uma forma geral, causada pelo desejo do Outro. É como se a fonte da angústia estivesse nos padrões da sociedade.

A partir daí, Lacan lança uma crítica à tradição psicologizante do século XIX, que pretendia igualar angústia e agonia. Em seguida, partindo das idéias de Freud e da filosofia de Kierkegaard, ele encontra subsídios para apontar a insuficiência lógica da dialética

hegeliana resgatada por Marx (dinâmica: tese, antítese, síntese). Segundo Freud, não é possível compreender o desejo e a angústia de forma logicista através dessa dialética, pois ela se baseia no eclesial (como colocado por Marx).

É a Igreja — entendida por Lacan como religião, não como instituição — que nos priva de compreender a angústia. Tal afirmação pode se fundar na possível relação entre a Santíssima Trindade (em especial a dinâmica entre Deus e o Cristo) e o mito do assassinato do Pai apresentado por Freud. Talvez essa noção seja refletida no inconsciente das pessoas que já foram influenciadas pela igreja.

Algumas considerações acerca do texto de Lacan *Os Nomes-do-Pai*

por José Luís de Barros Guimarães

O Psicanalista Jacques Lacan, como um grande leitor e adepto da teoria freudiana, inicia o seu texto *Os Nomes-do-Pai* (1963) resgatando, em parte, as considerações de Sigmund Freud acerca da angústia. Pode-se afirmar, a princípio, que os dois autores em questão, e mais especificamente Lacan, contrapõem, de um modo geral, algumas considerações acerca da angústia, defendidas pelo psicologismo, que recebeu o estatuto de ciência a partir do séc. XIX.

Pode-se afirmar que a Psicologia defende a tese de que a angústia é um sentimento humano que “nasce no homem” a partir de causas ou fatores externos. Ou seja, segundo essa perspectiva, a angústia que os homens sentem não está relacionada, de modo algum, a uma possível estrutura interna ou *a priori* humana. De acordo com a terminologia

kantiana (vide Crítica da Razão Pura), a angústia é determinada a partir de um objeto externo que provoca sensações angustiantes no homem. Dessa forma, o homem é afetado pela angústia.

Por outro lado, em discurso proferido em suas conferências, Lacan defende que a angústia deve ser vista como parte estrutural da *psique* humana. Dito de outra forma, a angústia deve ser entendida como algo intrínseco ao homem, pois os motivos ou causas desta perda de valoração de coisas, pessoas e mundo são internos ou *a priori*.

Assim, a angústia faz parte da condição humana e, nesse sentido, é fruto, ao menos em parte, do inconsciente humano que deseja e, na maior parte das vezes, está em conflito com todas as convenções morais produzidas pelo homem no seu processo de formação cultural. Ela está, por sua vez, na dimensão da consciência.

Em síntese, a pergunta a ser feita é a seguinte: Quais as justificações de Lacan para afirmar que a angústia é parte estrutural da *psique* humana? De um modo simples, as justificações lacanianas estão relacionadas com aquilo que ele denominou de objeto A. De forma bem simplificada, o objeto A é aquilo que falta ao homem. Todo homem, segundo Lacan, é um Sujeito que deseja. Como se sabe, pois Freud debateu de forma enfática esse ponto em sua teoria, o desejo

é desprovido de moralidade; portanto, amoral. Todavia, os homens objetivam seus desejos em algo que é externo, e aquilo que é externo está preso ao Outro (compreenda o Outro como sendo todas as convenções morais produzidas pela cultura).

Pode-se presumir, a partir dessas considerações, que muitas vezes o Outro reprime, esmaga, suprime e tenta moralizar aquilo que é desprovido de qualquer preceito moral. Consequentemente, é possível entender e definir o desejo como sendo aquilo que falta ao homem. Falta e desejo, nesse sentido, são sentimentos internos humanos, que estão imbricados.

Em vista disso, pode-se afirmar que, apesar de ser também caracterizada como um sentimento, a angústia é uma espécie de “sintoma” que evidencia tudo aquilo que falta ao sujeito, caracterizado como possuidor de volições ou desejos. Pode-se concluir, portanto, que a angústia está diretamente relacionada ao desejo e à falta que os seres humanos possuem ou projetam no Outro. A angústia, nesse sentido, é um afeto que participa da estrutura interna psíquica do homem, e não algo sob os efeitos do qual o homem é afetado.

Atividades

A Transmissão em Psicanálise implica o saber apreendido na clínica, formalizado pela lógica dos matemas.

- 1) O que você entende por texto em psicanálise?
- 2) O saber em psicanálise é o cruzamento de três saberes. Explique seu funcionamento e modo de transmissão.
- 3) O que aprendemos com o cartel?

Referências

- COSTA, A, C. S. et al (Org.) *A Intensão*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana – Transmissão em Psicanálise, 1997. (Coleção Letras da Coisa, 14)
- ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. *Cartéis*. Disponível em: www.ebp.org.br/carteis/carteis.html. Acesso em: 20/10/2010.
- FREUD, S., 1926, *A Questão da Análise Leiga*, in Ed. Standard Brasileira, vol. XX, Imago Ed., Rio, 1976.
- LACAN, J. *O seminário*. Livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-73/ 1985.
- ROUDINESCO, E. PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Notas

1. Manfred Frank *in* Qu'est-ce que le Néo-structuralisme. Paris, CERF, 1989. Diz que essa corrente é todo o pensamento cujo ponto de partida são as principais teses de Saussure e Lévi-Strauss.
2. TREVISAN, D. *Desgracida*. Rio de Janeiro: Record, 2010. Pág. 123.
3. FREUD, S. "Correspondance". In: ASSOUN, P. L. *Psychoanalyse*. Paris: PUF – Quadrige, 2007. Pág. 526.
4. Idem. Pág. 230.
5. FREUD, S. *Totem e Tabu*. In: Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Tradução Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974. pág. 170.
6. TREVISAN, D. *Desgracida*. Rio de Janeiro: Record, 2010. pág. 99.
7. Op.cit. pág. 276.
8. Op.cit. Pág. 278.
9. LACAN, J. Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. pág. 279-280.
10. Idem, pág. 278-279.
11. Op.cit. pág. 277.
12. RUSSELL, B. The Philosophy of Logical Atomism. *Apud* BRITO, A. N. *Nomes Próprios: Semântica e Ontologia*. Brasília: Editora UnB, 2003. Pág. 204.
13. ROUDINESCO, E. *Em Defesa da Psicanálise: ensaios e entrevistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009. pág. 62.
14. LACAN, J. Des Noms-du-Père. Paris: Seuil, 2005. Pág. 100.
15. Idem. Pág. 89
16. Em *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano*, (págs. 813 – 814). Lacan refere-se à lingüística como ciência piloto do estruturalismo no Ocidente. Como o instrumento que faltou à Freud (...) onde o inconsciente encontra seu regime e abrange as funções que essa escola toma por determinante das vertentes mais radicais dos efeitos da linguagem, quais seja a metáfora e a metonímia — efeitos de substituição e combinação do significante nas dimensões sincrônica e diacrônica em que aparece no discurso. *Dia – khrónos = através do tempo (metonímia); Sin – khrónos = com o tempo (metáfora)*. Pai, com todo o peso que a sexualidade dá à palavra.
17. Pai, com todo o peso que a sexualidade dá à palavra.
18. CABAS, A.G. A Questão das Estruturas Clínicas. In: THÁ, F. et al (Org.) *A Política*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana – Transmissão em Psicanálise, 1988. (Coleção Letras da Coisa, 6). Pág. 92 – 93.
19. O = grande outro; em francês o equivalente é **A (= autre)**.
20. É a metáfora aquilo em que se constitui a atribuição primária, aquela que promulga que o "o cachorro faz miau, o gato faz au-au" com que a criança de um só golpe, desvinculando a coisa de seu grito, eleva o signo à função do significante e eleva a realidade à sofistica da significação e, através do desprezo pela verossimilhança descortina a diversidade das objetivações a serem verificados de uma mesma coisa. (LACAN, J. Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.
21. Lacan, J. Le Séminaire, livre XXIII, Le sinthome, Paris, Seuil, 2005, pág. 94
22. SPARANO, M. C. de T. Clínica do Texto. In: COSTA, A, C. S. et al (Org.) *A Intensão*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana – Transmissão em Psicanálise, 1997. (Coleção Letras da Coisa, 14). Pág. 182-183.
23. THÁ, F. Algumas Notas Sobre a Formação em Psicanálise. In: COSTA, A, C. S. et al (Org.) *A Intensão*. Curitiba: Associação Coisa Freudiana – Transmissão em Psicanálise, 1997. (Coleção Letras da Coisa, 14). Pág. 124-126.
24. Alunos de filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e integrantes do Cartel de Psicanálise em Lacan – " Os Nomes-do-Pai".

Sobre o autor

Maria Cristina de Távora Sparano

De Porto Alegre – RS; tem graduação em Filosofia pela UFPR (1972); mestrado em Filosofia pela Univesité de Paris I – Pantheón – Sorbonne (1980) e Doutorado em Filosofia da Linguagem pela PUCRS (2002). Foi professora no Dept. de Filosofia na UFPR. Atualmente é professora do Dept. de Filosofia e do Mestrado em Ética e Epistemologia da UFPI. Tem experiência na área de Filosofia e Psicanálise, fez sua formação em Curitiba em Coisa Freudiana e na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Publicou diversos artigos em revistas especializadas e o livro “Linguagem e Significado – o projeto filosófico de Donald Davidson”.